

Os novos arranjos familiares brasileiros



Sócrates Nolasco:

A individualização
da família

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi:

Família brasileira: plural,
complexa e diversa

Esther Hamburger:

As telenovelas acompanham
as mudanças da família
brasileira

Simon Blackburn:

Não existe o “pós-
humano”

Walter Altmann:

Concílio Vaticano II e a
busca pelo compromisso
ecumênico

Anderson David Gomes dos Santos:

Debtocracy: a crise econômica
grega em destaque

Os novos arranjos familiares brasileiros

Novos arranjos e modalidades familiares se configuram no Brasil na contemporaneidade. Os traços característicos desses novos arranjos podem ser descritos a partir do Censo 2010. Demógrafos e outros especialistas analisam esta nova realidade da família na edição da revista **IHU On-Line** desta semana.

Para Ana Amélia Camarano, professora e economista do IPEA, a responsabilidade financeira familiar feminina veio para ficar no Brasil. Bárbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos, pesquisadores do IBGE, analisam as transformações na estrutura das famílias brasileiras. Esther Hamburger, professora da USP, reflete sobre a família brasileira das telenovelas. Sócrates Nolasco, psicólogo, descreve a individualização da família. Thierry Linard de Guertechin, demógrafo, do Centro de Investigação e Ação Social – CIAS/IBRADES (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), avalia que “estamos vivendo cada vez mais numa sociedade de indivíduos”

e que, portanto, é preciso “aprender a viver ou conviver com famílias diferenciadas”. José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi, professores da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, definem a família brasileira do século XXI como plural, complexa e diversa. José Luis Petruccelli, pesquisador do IBGE, constata a existência de uma hierarquia racial na sociedade, ao comentar que 70% dos casamentos no país acontecem entre pessoas da mesma cor ou raça.

Completam a edição as entrevistas com o filósofo britânico Simon Blackburn, com o teólogo e moderador do Conselho Mundial das Igrejas, Walter Altmann e com Anderson Santos, mestrando em Comunicação na Unisinos.

Jacqueline Lima Dourado publica mais um artigo em memória de Valério Cruz Brittos.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



**Instituto Humanitas
Unisinos**

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU
ISSN 1981-8769.
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graelaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altés e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Sócrates Nolasco:** A individualização da família
- 8 **José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi:** Família brasileira: plural, complexa e diversa
- 12 **Ana Amélia Camarano de Mello Moreira:** Um novo papel social da mulher brasileira
- 14 **Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos:** Transformações na estrutura das famílias brasileiras
- 17 **Esther Hamburger:** As telenovelas acompanham as mudanças da família brasileira
- 19 **Thierry Linard de Guertechin:** “Estamos vivendo cada vez mais numa sociedade de indivíduos”
- 21 **José Luis Petruccelli:** “Há uma hierarquia racial na sociedade”

DESTAQUES DA SEMANA

- 24 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Simon Blackburn: Não existe o “pós-humano”
- 29 **TEOLOGIA PÚBLICA:** Walter Altmann: Concílio Vaticano II e a busca pelo compromisso ecumênico
- 32 **ARTIGO DA SEMANA:** Cesar Sanson: O “mensalão” e a esquerda. Uma leitura crítica a partir da esquerda
- 34 **COLUNA DO CEPOS:** Jacqueline Lima Dourado: Valério Cruz Brittos
- 36 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 39 **Agenda da Semana**
- 40 **ENTREVISTAS DE EVENTOS:** Anderson David Gomes dos Santos: Debtocracy: a crise econômica grega em destaque
- 42 **ENTREVISTAS DE EVENTOS:** Marla Kuhn: Enfrentamento das desigualdades socioambientais, a perspectiva da oficina de indicadores
- 44 **NOTA DE EVENTO:** José Rogério Lopes: Novo mapa religioso brasileiro em discussão
- 46 **IHU Repórter:** Airton Adalmir Cima da Silveira



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

A individualização da família

O individualismo como crença perpassa cada vez mais o cotidiano das pessoas, que usam suas teses para decidir o que fazer de suas vidas. Esta nova família que se “descoletiviza” não assume todos os credos individualistas, principalmente aqueles que se referem ao respeito às individualidades, assinala Sócrates Nolasco

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART

“O imaginário que povoa os lares brasileiros é tradicional, estimula o enriquecimento, o consumo e a fama, como parâmetros de sucesso, mais do que educação, trabalho, compromisso e respeito com o público”, pontua Sócrates Nolasco. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Nolasco afirma que no Brasil assistimos a formação de grupos familiares distintos, “porém, isso não quer dizer que dentro de cada um deles valores tradicionais não continuem imperando”. Estas novas famílias, para ele, têm crescido em torno delas mesmas e dialogam muito pouco com aquelas que têm um formato diferente do seu. “As ‘novas’ famílias estão cada vez menos preparadas para inventar formas de coletivização e vinculação com outras famílias, cujo modelo seja distinto do seu. As novas famílias brasileiras compraram o preceito individualista, mantendo o ranço de valores tradicionais no que tange a falta de respeito ao outro, e uma pretensão de superioridade herdada das classes altas”.

Para o psicólogo, maternidade e paternidade se diluem diante das demandas de trabalho e produção de dinheiro. “Ambos

passaram a ter funções secundárias diante de uma ‘nova’ família, na qual os filhos são independentizados cada vez mais cedo, passando de modo precoce a ter a mesma estatura dos seus pais”, frisa. E completa: “Antes de existir um pai ou uma mãe, deve haver dois sujeitos com disponibilidade para cuidar de um outro. Sem isso não surgirá nem pai, nem mãe, mas máquinas de reprodução *in vitro*, de fecundidade sem sexo, de cuidado sem vínculo, de conforto sem afeto”.

Sócrates Nolasco é graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e pela PUC-Rio, respectivamente. Sua tese intitulou-se *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais* (Rio de Janeiro: Rocco, 2001). Escreveu *A desconstrução do masculino* (Rio de Janeiro: Rocco, 1995) e *O mito da masculinidade* (2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993). Leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como conceituar família em nossos dias, principalmente depois dos dados apresentados no último censo?

Sócrates Nolasco – O perfil das famílias brasileiras mudou em relação aos dados do último censo. A chamada família tradicional, modelo composto por pai, mãe e filhos, agora convive com famílias cujo núcleo familiar é formado por crianças de uniões anteriores, de pessoas sozinhas, casais sem filhos e uniões constituídas por pessoas do mesmo sexo. O casa-

mento, tanto religioso como civil, se reduziu diante das uniões consensuais, que aumentaram consideravelmente. Redução da taxa de natalidade, mulheres tendo filhos mais tarde e aumento da estimativa de vida, são fatores que corroboraram para este cenário de mudança. O censo de 2010 enumerou 19 laços de parentesco, para que fosse possível cobrir todas estas mudanças. Já o censo de 2000, listou apenas onze. Os novos lares somam 28,647 milhões, 28.737 a mais que a formação clássica. O que pode-

mos pensar a respeito destes dados? Há uma crescente individualização da família, agenciada pela busca de prazer imediato e aquisição de bens. O individualismo como crença perpassa cada vez mais o cotidiano das pessoas, que usam suas teses para decidir o que fazer de suas vidas. Esta nova família que se “descoletiviza” não assume todos os credos individualistas, principalmente aqueles que se referem ao respeito às individualidades. O imaginário que povoa os lares brasileiros é tradicional, estimula o

enriquecimento, o consumo e a fama, como parâmetros de sucesso, mais do que educação, trabalho, compromisso e respeito com o público.

IHU On-Line – Que valores sociais e culturais refletem a nova família brasileira retratada nos dados do último censo?

Sócrates Nolasco – No Brasil, se pensarmos que saímos de uma sociedade tradicional para uma que se consolida como individualista, deveríamos nos ater à ideia de acesso, ou seja, a democratização do consumo e dos serviços que usufruem as classes abastadas. Se olharmos sem pensar, poderíamos acreditar que esta família múltipla e mais reduzida é nova. Porém, nela encontramos valores tradicionais que a vincula às formas de poder vigente – a hierarquia social pautada no enriquecimento, a valorização pela aquisição de bens. As iniciativas culturais, apesar de terem aumentado, ainda são tímidas se considerarmos o potencial de contribuição que elas têm para promover mudanças de mentalidade. No Brasil, assistimos a formação de grupos familiares distintos. Porém, isso não quer dizer que, dentro de cada um deles, valores tradicionais não continuem imperando. Essas novas famílias têm crescido em torno delas mesmas, e dialogam muito pouco com aquelas que têm um formato diferente do seu. As “novas” famílias estão cada vez menos preparadas para inventar formas de coletivização e vinculação com outras famílias, cujo modelo seja distinto do seu. As novas famílias brasileiras compraram o preceito individualista, mantendo o ranço de valores tradicionais no que tange a falta de respeito ao outro, e uma pretensão de superioridade herdada das classes altas.

IHU On-Line – O que podemos entender por maternidade e paternidade no século XXI?

Sócrates Nolasco – Hoje, a paternidade deixou de ser uma questão de fé, como se dizia nos anos 1970, passando a ser valorizada e estimulada. Por sua vez, a maternidade que, anteriormente, era um exercício que se fazia dentro do doméstico e associado

ao cuidado dos filhos recebeu outra configuração por conta da mulher ter ampliado suas demandas na vida. Pai e mãe se encontram cada vez mais na cena pública, do trabalho, que na doméstica. Essas funções no Brasil estão cada vez mais terceirizadas. Babás, creches, transporte escolar, ou ainda filhos cada vez mais cedo sendo autorizados a cuidarem de si mesmo, mostram-nos o quanto que há uma delegação de tarefas por parte dos pais. Maternidade e paternidade se diluem diante das demandas de trabalho e produção de dinheiro. Ambos passaram a ter funções secundárias diante de uma “nova” família, na qual os filhos são independentizados cada vez mais cedo, passando de modo precoce a ter a mesma estatura dos seus pais. A gravidez na adolescência e os indicadores de mortes de homens jovens por causas externas descrevem um cenário de solidão, no qual estes filhos ficam sem ter a quem recorrer, já que em suas casas o que se manteve presente foram os eletrodomésticos. Antes de existir um pai ou uma mãe, deve haver dois sujeitos com disponibilidade para cuidar de um outro. Sem isso não surgirá nem pai nem mãe, mas máquinas de reprodução *in vitro*, de fecundidade sem sexo, de cuidado sem vínculo, de conforto sem afeto.

IHU On-Line – O que os homens têm feito diante das mudanças atuais da família para tentar encontrar mais espaço no ambiente familiar?

Sócrates Nolasco – No Brasil, apesar de a mulher ter saído do espaço doméstico, tradicionalmente este tem sido considerado sua área de competência e poder. Permanece o tradicional, lá onde deveria existir a premissa de que o indivíduo é o valor, e, portanto, homem e mulher deveriam ter os mesmos direitos. Nas varas de família, as mulheres continuam sendo favorecidas em relação aos homens, caso se separem. Muitas famílias acreditam que a mãe tem mais importância que o pai, mesmo quando a criança já tenha deixado o peito. Para que um homem não se intimide com este panorama, ele deve ter clareza de que a paternidade é uma ampliação de sua possibilidade de ser ho-

mem no mundo. Uma criança precisa de um cuidador, seja ele pai ou mãe.

Homens e a paternidade

No Brasil, os homens não têm demonstrado interesse por uma reflexão mais séria e profunda no que tange a paternidade, bem como nas maneiras que ela transforma a vida de cada um deles. Os homens brasileiros têm uma resistência para sair desta área de conforto em que tradicionalmente se colocaram. Segundo essa perspectiva, a mãe é aquela que sabe como cuidar, porque foi ela quem gerou o bebê. As sociedades tradicionais concedem à mulher o direito de usar a intuição, aplicando-a no cuidado dos filhos. No consultório, percebo que são muitas as razões que levam uma mulher desejar a ter filho. Ser mãe nem sempre é o principal motivo. No Brasil, os grupos de homens que têm procurado discutir a paternidade têm usado o ponto de vista das mulheres sobre o assunto, mais do que os homens têm a dizer a respeito. Segundo tais grupos, a divisão das tarefas domésticas e a prevenção da violência contra a mulher são temas recorrentes.

IHU On-Line – Em que medida o seriado Os Simpsons reflete a realidade familiar brasileira atual?

Sócrates Nolasco – Nos dias de hoje, a mídia quando se refere à mulher, o faz através da palavra “poderosa”. Nas últimas décadas do século passado, a mulher vem investindo na conquista de poder. No seriado Os Simpsons encontramos histórias de uma família na qual as mulheres são as politicamente corretas, sendo que pai e filho são pessoas equivocadas. O mesmo acontece com Os Silva, da família dinossauro. Essa representação de família tem no imaginário dos países da América do Norte e Europa um impacto maior do que no Brasil. Porém, a desvalorização dos homens aqui passa por uma dúvida que gera um estado de vigilância em torno da masculinidade, como se a qualquer momento um homem pudesse perder a sua, quer seja de forma financeira, sexual ou por fraqueza física. Isso tem levado muitos homens jovens a lançar mão da violência e do sexo como

ferramentas que atestam masculinidade. Para a mulher, o modelo que serviu para o empoderamento foi o do homem, branco e heterossexual. Esse sujeito é considerado o grande beneficiado na história do ocidente. Por essa razão, as mulheres passaram a reivindicar paridade de direito com os homens, os gays com o hétero e as demais etnias com os brancos. Homer Simpson é branco, heterossexual e homem. É desta representação que estamos falando. Muitos homens brasileiros podem estar identificados com Homer, mas dificilmente irão partilhar este sentimento uns com os outros, por medo de serem vistos como fracassados. No Brasil, Homer se traveste de valentão, bombado, sedutor irresistível, esperto, malandro e todas as insígnias do estereótipo do homem tradicional. A derrota ronda cada um destes tipos, fazendo-os serem quem são.

IHU On-Line – Que impactos a nova configuração familiar terá sobre as novas gerações?

Sócrates Nolasco – As novas gerações crescerão convivendo com diferentes arranjos familiares, o que favorecerá uma compreensão sobre o que seja multiplicidade e possibilidade de se viver a vida. Todavia, isso só não basta, é importante que o modelo tradicional seja identificado e problematizado, mesmo dentro dos novos arranjos familiares. Nem tudo o que é tradicional é ruim. Uma crítica deve ser feita, mesmo dentro das novas famílias, que, me parece, vem perdendo a capacidade de serem críticas em relação a elas mesmas. Fazer parte de um novo formato de família não atestar que as representações tradicionais tenham sido problematizadas. É preciso ter cuidado quando se fala do que seja o novo, quando as representações sociais de homem e mulher, pai e mãe, não mudaram, mesmo que a família em questão seja formada por pessoas do mesmo sexo. A quantidade de separações tem deixado uma impressão ruim a respeito das uniões. As relações duram cada vez menos. É um desafio ser jovem na cultura do divórcio, onde não se acredita que seja possível formar e fazer durar um

vínculo, sem comprometer a sede de prazer imediato.

IHU On-Line – O ditado “quando o pai falta, o filho manca” se aplica à família do século XXI?

Sócrates Nolasco – Em uma época de reprodução assistida, liberdade sexual e direito ao aborto, a paternidade tem deixado de ser algo de valor. Isso acontece menos pelo valor que ela tem para os filhos, e mais por conta de uma compreensão limitada que se tem dela, em tempos de consumo e entretenimento. Escrevi uma matéria para um jornal do Rio de Janeiro sobre adoção realizada por casais do mesmo sexo. Fui aos Estados Unidos cobrir eventos que tratavam deste assunto. Dentre as entrevistas que fiz, uma delas me chamou atenção. Uma mulher de 20 anos nasceu em uma família formada por duas mulheres. De uma delas foi retirado um óvulo que, depois de fecundado *in vitro*, foi inseminado na outra mulher, que gerou uma filha. O sêmen foi pego em um bando de doadores. Estávamos no final dos anos 1990. Quando conversei com essa mulher, ela me contou que suas mães haviam se separado, e que ela já não morava mais com nenhuma delas, porque estava na universidade. Eu perguntei o que estava escrito em sua certidão de nascimento, e ela me disse que aparecia o nome das duas mães. E no do pai? Ela me respondeu: no lugar do nome do pai está escrito D.I. (*donor insemination*). Creio que isso revela uma parte do que vem acontecendo com a representação paterna nos dias de hoje.

IHU On-Line – Que análise pode ser feita do fato de que a maioria dos casais gays é formada por mulheres?

Sócrates Nolasco – O imaginário atravessa todos que fazem parte de uma cultura. Não importa qual seja o tipo de classificação que ela atribua aos indivíduos. No Brasil, maternidade e feminilidade estão associadas ao sujeito empírico mulher. Creio que a ideia de ser mãe passe de algum modo pela mulher, de tal maneira que a mulher acaba desejando ter filhos, mais do que ocorre nas uniões formadas por homens.

Experiências

Estava em São Francisco, para um curso. Conheço a cidade, e sei que ela tem uma ambiência de diversidade, no mais extenso que esta palavra possa representar, e não apenas do ponto de vista sexual, como ficou associada no Brasil. Castro é o nome do bairro onde a comunidade gay vive. O que me chamou atenção foi o fato de que, na parte do bairro onde moram os homens, era raro encontrar uma mulher. O mesmo acontecia com a parte reservada às mulheres. Lá não se via homens. Bem, até aí, nada demais. Contudo, as imagens que a cultura usa para representar masculinidade e feminilidade estavam lá. As mulheres andavam e se vestiam, em sua grande maioria, como homens, e os homens lançam mão do que havia ficado estabelecido como feminino. Quando existia alguma alusão à masculinidade, esta se referia ao mundo tradicional dos homens: cowboy, couro, militares eram vistos nas ruas e vitrines. O que percorre o imaginário de uma cultura, atribuído a homem e mulher, continua existindo tanto em uniões do mesmo sexo como de sexo diferente. Com todas as mudanças ocorridas na última década, não houve uma reinvenção do que signifique ser homem e mulher. O que encontramos é uma autorização social para que cada qual possa experimentar o que tradicionalmente estava atribuído ao outro sexo.

Leia mais...

Sócrates Nolasco já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *A pedofilia e as sombras da lei*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 326, de 26-04-2010, disponível em <http://migre.me/bi46W>;
- *A violência tem sexo*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 150, de 08-08-2005, disponível em <http://migre.me/bi5sp>.

Família brasileira: plural, complexa e diversa

Sem dúvida, a sociedade brasileira mudou em termos demográficos e na composição plural das relações familiares. Os diferenciais de gênero e de geração são fundamentais para se compreender a complexidade e a diversidade das relações familiares do Brasil contemporâneo, averiguam José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

Indagados a respeito das principais conclusões a que chegaram em relação à família brasileira no estudo recente que realizaram com base no censo de 2010, José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, dizem que a primeira grande mudança foi a redução do arranjo majoritário formado por casais (núcleo duplo) com filhos. “Em números aproximados, este tipo de família estava presente em cerca de dois terços (66%) dos domicílios, em 1980, mas caiu para algo próximo de 50% em 2010. Isso aconteceu porque os pais, tendo menor número de filhos e maior esperança de vida, vivem mais tempo na fase do ‘ninho vazio’, pois os filhos tendem a sair da casa de seus progenitores para formar uma nova família, para morar sozinhos ou para formar arranjos domiciliares com pessoas não parentes”, frisam.

Para eles, o casamento é praticamente um evento universal no Brasil, mas somente se considerarmos todos os tipos de matrimônio. “Em 1970, 65% dos casamentos aconteciam no civil e no religioso, 14% somente no civil, 14% só no religioso e 7% eram uniões consensuais. Em 2010, o casamento no civil e religioso caiu para 43%, só no civil aumentou para 17%, só no religioso caiu para 3% e as uniões consensuais subiram para 37%”.

José Eustáquio Diniz Alves é doutor em Demografia e professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Suzana Cavenaghi é doutora em Demografia e professora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE. Os entrevistados esclarecem que nesta entrevista apresentam seus pontos de vista em caráter pessoal.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais foram as principais mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – O Brasil passou por grandes transformações econômicas e sociais no século XX, deixando de ser uma sociedade predominantemente rural e agrária, para se tornar uma sociedade urbana com predominância econômica da indústria e do setor de serviços. Nas últimas décadas, houve mobilidade ocupacional, espacial e social, assim como a construção de uma sociedade de consumo

de massa. As relações entre as classes mudaram e o Brasil se tornou uma democracia política e cultural (mesmo com as diversas limitações). A transição demográfica reduziu as taxas de mortalidade infantil, aumentou a esperança de vida e reduziu as taxas de fecundidade. Isso provocou uma mudança da estrutura etária e o Brasil está deixando de ser um país com alta predominância de jovens para se tornar um país com elevada proporção de idosos. Houve também uma mudança das relações de gênero com maior empoderamento das mulheres e um lento, mas contínuo, processo

de despatriarcalização da sociedade. Tais transformações tiveram um grande impacto sobre a forma de estruturação das famílias e sobre a dinâmica dos arranjos domiciliares.

IHU On-Line – Como essas transformações econômicas, sociais e demográficas afetaram a organização das famílias brasileiras?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – O primeiro e maior impacto foi sobre o tamanho dos arranjos familiares. A família numerosa, que era muito adaptada às condições da sociedade rural, quando

havia ampla disponibilidade de terras, deixou de ser funcional na sociedade urbana, onde a inserção dos filhos na produção econômica passa pela intermediação do mercado de trabalho e pelos filtros das exigências educacionais e dos padrões de produtividade da economia urbano-industrial. A formalização do emprego ocorreu juntamente com a ampliação da cobertura da previdência social. Neste processo de mudança do modelo centrado na família ao sistema de inserção produtiva e proteção social público e institucional, há uma tendência de aumento do custo dos filhos e de redução dos seus benefícios. Como teoriza o demógrafo australiano John Caldwell¹, estas transformações provocam uma reversão do “fluxo intergeracional de riqueza”. Os filhos deixam de ser “a galinha dos ovos de ouro” dos pais e passam a acumular maiores custos econômicos e a reduzir os benefícios. Isso modifica o regime de fecundidade e a dinâmica entre as velhas e as jovens gerações. Também abre espaço para novas formas de organização dos arranjos domiciliares, ao mesmo tempo em que diminui o peso social das famílias tradicionais.

IHU On-Line – Quais as principais conclusões a que vocês chegaram em relação à família brasileira no estudo recente que realizaram com base no censo de 2010?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – A primeira grande mudança foi a redução do arranjo majoritário formado por casais (núcleo duplo) com filhos. Em números aproximados, esse tipo de família estava presente em cerca de dois terços (66%) dos domicílios, em 1980, mas caiu para algo próximo de 50% em 2010. Isso aconteceu porque os pais, tendo menor número de filhos e

maior esperança de vida, vivem mais tempo na fase do “ninho vazio”, pois os filhos tendem a sair da casa de seus progenitores para formar uma nova família, para morar sozinhos ou para formar arranjos domiciliares com pessoas não parentes.

Casais sem filhos

A segunda mudança – de maneira complementar à primeira – foi o aumento do arranjo formado apenas pelos casais sem filhos e sem outros parentes, que passou de 12% em 1980 para 15% em 2010.

Arranjo monoparental feminino

A terceira alteração foi o aumento do arranjo monoparental feminino (núcleo simples, formado por mães com filhos), que passou de 11,5% em 1980 para 15,3% em 2010.

Arranjo monoparental masculino

A quarta modificação foi também o aumento – ainda que de uma base menor – do arranjo monoparental masculino (núcleo simples, formado por homens com filhos), que passou de 0,8% em 1980 para 2,2% em 2010.

Mulheres morando sozinhas

A quinta transformação foi o crescimento do número de mulheres morando sozinhas, que passou de 2,8% em 1980 para 6,2% em 2010.

Homens morando sozinhos

A sexta foi o crescimento do número de homens morando sozinhos, que passou de 3% em 1980 para 6,5% em 2010. E, finalmente, a sétima mudança aconteceu com a redução do percentual de famílias compostas e extensas (casais, filhos, parentes e agregados) que caiu de 4,8% para 2,2% no mesmo período.

IHU On-Line – As famílias unipessoais são as que mais crescem?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – Sim. Mas não é correto usar o termo “famílias unipessoais”, pois, de acordo com a definição das Organizações das Nações Unidas – ONU, uma família é formada por pelo menos duas pessoas e seus membros devem estar relacionados por meio de relações de consanguinidade (parentesco), adoção ou casamento. Dessa forma, pessoas

morando sozinhas podem ser definidas como “arranjo unipessoal”, “domicílio unipessoal” ou simplesmente “pessoas morando sozinhas”.

Solidão

De fato, o número de pessoas morando sozinhas tem crescido e deve aumentar ainda mais com o processo de envelhecimento da população. Houve também certa mudança de perfil. No passado, havia uma clara diferenciação geracional e de gênero entre as pessoas morando sozinhas no Brasil, pois entre os homens predominavam aqueles com idade entre 30 e 59 anos, enquanto entre as mulheres em domicílios unipessoais predominavam aquelas acima de 60 anos. Atualmente tem crescido o número de mulheres entre 30 e 59 anos morando sozinhas. Geralmente são as que optam por uma carreira profissional e declinam ou retardam a “carreira” da maternidade.

IHU On-Line – Famílias e domicílios são conceitos equivalentes?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – Não. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE define o domicílio como o local estruturalmente separado e independente que serve de habitação a uma ou mais pessoas. Existem vários tipos de habitação, como os domicílios particulares e coletivos, domicílios permanentes e improvisados, etc. A maior parte dos dados coletados do censo se refere aos domicílios particulares permanentes ocupados. Nestes domicílios pode haver famílias nucleares (com núcleo duplo ou núcleo simples), famílias estendidas (com um ou mais de um núcleo familiar e outros parentes) ou famílias compostas (núcleo familiar com parentes e outras pessoas não aparentadas). Pessoas sem laços de parentesco e sem relacionamento afetivo, mas morando juntas (tipo uma república de estudantes), são classificadas como arranjo não familiar pela metodologia da ONU. O número de arranjos não familiares é pequeno, mas cresceu na última década no Brasil. Deve-se ressaltar que até o censo 2000 era possível identificar diretamente as chamadas famílias conviventes, por meio das perguntas sobre as relações de parentesco dos moradores com os responsáveis do domicílio e

¹ John Caldwell Calhoun (1782-1850): político e filósofo político da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX. Além de ter sido Vice-presidente dos Estados Unidos sob as presidências de John Quincy Adams (1825-1829) e de Andrew Jackson (1829-1832), é conhecido pela defesa da escravidão, causa que levou os Estados Unidos à Guerra da Secessão uma década após sua morte. Foi ainda Secretário de Estado e também o primeiro dos apenas dois vice-presidentes do país a renunciar. (Nota da IHU On-Line)

da família. Mas, no censo 2010, a convivência só pode ser obtida de forma indireta e aproximada.

IHU On-Line – Qual é o tipo de família que mais sofre com as situações de pobreza?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – Sem dúvida são as famílias monoparentais femininas, especialmente aquelas com filhos pequenos. Por exemplo, a maioria dos beneficiados do programa Bolsa Família é constituída por este tipo de arranjo. Isso acontece porque é muito difícil para uma mãe combinar, ao mesmo tempo, as funções de provedora e cuidadora. As mães com filhos menores de 15 anos e sem cônjuge não conseguem ter uma inserção integral e permanente no mercado de trabalho, pois precisam dedicar muito tempo às questões de alimentação, saúde, educação e cuidados dos filhos e da moradia. Como resultado, recebem salários mais baixos e precisam dividir uma renda baixa com seus dependentes. Acabam caindo na “armadilha da pobreza” e não conseguem romper com o ciclo intergeracional da pobreza. Nesses casos, além dos direitos básicos de cidadania, o governo deveria promover políticas de conciliação entre trabalho e família, intermediando condições de emprego mais favoráveis e equipamentos públicos para o cuidado dos filhos, como creches, restaurantes e lavanderias coletivos, escola em tempo integral, etc.

IHU On-Line – Que tipo de realidade social se reflete diante do crescimento de casos em que os membros do casal trabalham e decidem não ter filhos?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – De regra, são os casais sem filhos que apresentam renda média domiciliar per capita mais elevada. Um caso particular são os casais sem filhos com marido e esposa participando do mercado de trabalho. Nos Estados Unidos, esses tipos de casais são chamados de Dinc (sigla para *Double Income No Children*); no Brasil esse acrônimo significa: Duplo Ingresso Nenhuma Criança. O número de famílias Dinc estava em torno de um milhão de casais em 2000 e chegou a 2,8 milhões de casais. Por-

“A sociedade brasileira mudou em termos demográficos e na composição plural das relações familiares”

tanto, em 2011 os Dincs somavam 5 milhões e 600 mil pessoas no Brasil. Eles possuem maior poder de consumo e, proporcionalmente, optam por morar em apartamentos nas grandes metrópoles. Praticamente não existem casais Dinc entre os beneficiários do Bolsa Família, pois duas pessoas com renda de um salário mínimo cada um, morando juntas, são classificadas como membros da “nova classe média”. Em geral, o casal Dinc apresenta alta mobilidade social, mas é um tipo de família não procriativa, que reforça a tendência nacional para uma taxa de fecundidade média abaixo do nível de reposição.

IHU On-Line – Como entender que quanto maior o número de filhos, menor o tempo que os maridos dedicam aos afazeres domésticos?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – Os dados mostram que existe um forte descompromisso dos homens com o trabalho doméstico. Isso vem desde a época em que Paulo Prado definiu a família patriarcal brasileira como “Pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados”. Na divisão do uso do tempo entre os cônjuges, em geral os homens se dedicam mais às atividades produtivas (e remuneradas) e as mulheres se dedicam mais às atividades reprodutivas (e não remuneradas). Isso acontece mesmo nas famílias em que as mulheres trabalham fora e são penalizadas com a dupla jornada. A alocação desigual do tempo é mais acentuada nas famílias tradicionais onde existe uma rígida divisão sexual do trabalho, onde os homens fazem o papel de provedores e as mulheres o papel de cuidadoras.

Paradoxalmente, quando o trabalho doméstico diminui a contribuição relativa do esposo aumenta, mas quando os afazeres da reprodução aumentam muito o custo recai sobre as esposas. Isso indica que o maior número de filhos reforça a tradicional divisão sexual do trabalho, com o homem se concentrando na luta pelo “ganha pão” e a mulher assumindo os encargos da casa, da cozinha e dos cuidados dos filhos.

IHU On-Line – O casamento ainda pode ser considerado um anseio universal e um evento para toda a vida?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – O casamento é praticamente um evento universal no Brasil, mas somente se considerarmos todos os tipos de matrimônio. Em 1970, 65% dos casamentos aconteciam no civil e no religioso, 14% somente no civil, 14% só no religioso e 7% eram uniões consensuais. Em 2010, o casamento no civil e religioso caiu para 43%, só no civil aumentou para 17%, só no religioso caiu para 3% e as uniões consensuais subiram para 37%.

Casamentos inconstantes

Mas os casamentos ficaram mais instáveis. Nos últimos 40 anos cresceu o número de separações e divórcios. Consequentemente, cresceu o número de recasamentos, especialmente para o caso dos homens. Na pirâmide brasileira existe um superávit de mulheres acima dos 25 anos, pois há uma sobre-mortalidade masculina por causas externas entre os jovens (especialmente homicídios e acidentes de trânsito). No total, há um excedente de mais de 5 milhões de mulheres na população brasileira e a proporção daquelas sem um companheiro aumenta com a idade, pois, para agravar o desequilíbrio, os homens se casam com mulheres mais jovens. Existe, portanto, um diferencial de gênero e de idade no chamado “mercado matrimonial” brasileiro e um número muito grande de mulheres não encontra companheiro de outro sexo para casamento.

IHU On-Line – Em que medida o aumento das separações e dos divórcios interfere nas mudanças das estruturas familiares?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – Interfere, por exemplo, na formação das chamadas famílias reconstituídas, que são cada vez mais frequentes no cenário nacional. Crescem as famílias em que tanto o marido como a esposa trazem para a nova união os filhos de casamentos anteriores, vindo a se somar com novos filhos que surgem do novo enlace. De repente se juntam filhos, enteados, irmãos, madrasta, padrasto, ex-esposo, ex-esposa e diversos avós. Costuma-se dar o nome de “família mosaico” ao arranjo familiar em que os filhos do casal compõem um quadro formado por irmãos, meio-irmãos e não irmãos, pois os filhos de união (ou uniões) anteriores do marido e da esposa não são irmãos, mas ambos são meio-irmãos dos novos filhos do casal. Dessa forma, nem todos os membros da “família mosaico” são parentes entre si, mas todos têm um grau de parentesco com a prole resultante da união do casal reconstituído. A “família mosaico” é apenas mais um tipo de arranjo familiar dentre o leque de arranjos possíveis, em uma sociedade cada vez mais marcada pela pluralidade e por dinâmicas inovadoras, que vão além do modelo padrão.

IHU On-Line – E os novos arranjos, tais como famílias homoafetivas e famílias poliafetivas?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – O Brasil ainda não possui dados suficientes para traçar a evolução destes arranjos. O censo demográfico de 2010, conduzido pelo IBGE, abriu, pela primeira vez, a possibilidade dos casais do mesmo sexo, que moram no mesmo domicílio, serem considerados um núcleo familiar. Os dados indicaram a presença de cerca de 60 mil casais formados por pessoas do mesmo sexo e um deles se declarou como chefe. Mas, se os casais moram em casas diferentes ou nenhum deles se declarou como chefe, não foram identificados pelo censo. As mulheres são maioria nos arranjos homoafetivos, inclusive na homoparentalidade. Portanto, já existem crianças com dupla “maternidade” ou dupla “paternidade”. Também não foi levantada a informação sobre orientação sexual.

Famílias poliafetivas

As famílias poliafetivas se referem aos arranjos familiares cujo núcleo não é monogâmico. São os “casais de 3” ou o “casal de n pessoas”. Pode ser um arranjo formado por um homem e duas mulheres, uma mulher e dois homens (Uma Dona Flor de verdade) ou qualquer outro tipo de arranjo envolvendo mais de duas pessoas no núcleo familiar. Mas o censo não levantou múltiplos relacionamentos. A história mostra que a poligamia e a poliandria sempre existiram de forma mais ou menos velada. A novidade agora é que estes tipos de arranjos estão sendo visibilizados e estão sendo objeto de busca de base legal para serem reconhecidos na legislação brasileira. Existem, inclusive, as famílias poliafetivas cujos membros possuem poliorientação sexual.

IHU On-Line – Em que consiste “a complexidade e a diversidade das relações familiares do Brasil contemporâneo”?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – De modo geral, pode-se afirmar que o modelo hegemônico de família nuclear era formado por um homem e uma mulher que se uniam em um matrimônio por toda a vida e praticavam sexo com finalidade generativa. Esse modelo de família tinha como base o casal heterossexual, ele mais alto e um pouco mais velho, com maior escolaridade, já com um emprego ou independência financeira e ela mais baixa, mais jovem, com menor escolaridade e voltada para a vida privada de dona de casa ou com emprego extradoméstico com flexibilidade e tempo parcial. Esse modelo de família trazia embutida uma forte desigualdade de gênero. A menor autonomia das mulheres na família era geralmente reforçada pela desigualdade social, em especial pela baixa taxa de atividade laboral e pela segregação no mercado de trabalho. O menor poder, a autoridade e o prestígio feminino decorriam da desigualdade de acesso e de controle sobre os diversos recursos econômicos, sociais e culturais. Contudo, esta “família padrão” começou a ruir na mesma época do fim da padronização fordista de produção, ou seja, com a revolução sexual dos anos de 1960, com a disponibilidade

de métodos contraceptivos, a entrada crescente da mulher no mercado de trabalho, a reversão do hiato de gênero na educação e a aceitação mais ampla de novos arranjos familiares. Cresceu o número de domicílios comandados por mulheres. Em grande parte, isso se deve ao processo de empoderamento feminino, mas, em outros casos, a chefia feminina é decorrência da ausência do cônjuge e da falta de responsabilização dos pais (homens) com os filhos.

Mudança da sociedade brasileira

As transformações socioeconômicas e as mudanças ideacionais ocorridas nos campos ético, religioso e cultural levaram a uma maior autonomia individual e a uma mudança na relação custo/benefício entre as gerações. A idade média da primeira relação sexual diminuiu e moças e rapazes passaram a ter relações sexuais com mais frequência antes do casamento. Cresceu o número de filhos nascidos fora do casamento (inclusive na gravidez na adolescência). Aumentaram a guarda compartilhada e o número de crianças que vivem em duas casas. Cresceram as famílias homoafetivas e tem entrado na discussão a formalização dos arranjos poliafetivos. Sem dúvida, a sociedade brasileira mudou em termos demográficos e na composição plural das relações familiares. Os diferenciais de gênero e de geração são fundamentais para se compreender a complexidade e a diversidade das relações familiares do Brasil contemporâneo.

Referências

- ALVES, J. E. D., CAVENAGHI, Suzana. Tendências demográficas, dos domicílios e das famílias no Brasil, IE/UFRJ, Aparte, Rio de Janeiro, 25/08/2012. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/tendencias_demograficas_e_de_familia_24ago12.pdf.
- CAVENAGHI, Suzana, ALVES, J. E. D. Domicílios y familias en la experiencia censal del Brasil: cambios y propuesta para identificar arreglos familiares. Notas de Población (Impresa). V. 92, p. 15 – 45, 2011. Disponível em: http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/44570/lcg2496-P_2.pdf.
- ALVES, J. E. D., CAVENAGHI, Suzana. Mensuración del déficit y de la demanda habitacional a partir de los censos de Brasil. Notas de Población, v. 93, p. 25-50, 2011. Disponível em: http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/9/45549/lcg2509-P_7.pdf.

Um novo papel social da mulher brasileira

Segundo a professora e economista do IPEA, Ana Amélia Camarano, a responsabilidade financeira familiar feminina veio para ficar no Brasil. “42% da renda de todas as famílias brasileiras vem das mulheres. Não se pode abrir mão disso. Imagine a renda diminuir 42% se as mulheres voltarem para casa? É um caminho sem volta”

POR GRAZIELA WOLFART

Uma das novidades trazidas pelos dados do censo 2010 foi o aumento do número de mulheres como chefes de família no Brasil. A pesquisadora do IPEA, Ana Amélia Camarano, não sabe se isso é positivo ou negativo. Para ela, trata-se de uma importante mudança da sociedade. E o que configura essa mudança seria a maior independência econômica da mulher, sua maior participação no mercado de trabalho, maior renda e maior escolaridade. “Por outro lado”, continua a professora, na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line**, “a independência econômica leva a um maior número de mulheres que moram sozinhas, e por isso chefiam a família, e também a um maior índice de separação, o que, conseqüentemente, as tornam chefes de família”. Segundo a análise de Ana Amélia, é mais comum que as mulheres assumam esse papel na medida em que

envelhecem, porque ficam viúvas. “Como os homens morrem, em média, sete anos antes que as mulheres, elas ficam viúvas e se tornam chefes de família. Elas têm a renda da pensão por morte e podem complementar com outras fontes de renda, formais ou informais”, explica.

Ana Amélia Camarano de Mello Moreira possui graduação em Economia e mestrado em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, e doutorado em Population Studies, pela London School of Economics. É professora na Escola Nacional de Ciências Estatísticas e técnica em pesquisa e planejamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Tem experiência na área de Demografia, com ênfase em envelhecimento populacional.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os pontos positivos e negativos do crescimento das mulheres como chefes de família, dado apontado pelo último censo?

Ana Amélia Camarano – Na verdade, não sei se isso é positivo ou negativo. Esse é um fato, uma mudança da sociedade. O que configura essa mudança é a maior independência econômica da mulher, sua maior participação no mercado de trabalho, maior renda, maior escolaridade. Por outro lado, a independência econômica leva a um maior número de mulheres que moram sozinhas, e por

isso chefiam a família, e também a um maior índice de separação, o que, conseqüentemente, as tornam chefes de família.

IHU On-Line – Qual a influência da melhora na participação das mulheres no mercado de trabalho e nos níveis de escolaridade e renda para que elas crescessem como chefes de família? Que tipo de “mudança sociológica” esse dado indica?

Ana Amélia Camarano – Ele indica uma maior participação da mulher, indica um novo papel social da

mulher. Essa mulher, que era tradicionalmente a cuidadora (enquanto que o homem era o provedor), hoje é uma provedora importante, mas continua mantendo seu papel e função de cuidadora.

IHU On-Line – E isso não acaba sobrecarregando a mulher ainda mais?

Ana Amélia Camarano – Acredito que sim, porque a mulher continua mais envolvida nas atividades domésticas, mesmo trabalhando fora.

Por isso se fala da dupla jornada de trabalho.

IHU On-Line – Qual a relação entre o envelhecimento e a colocação das mulheres como chefes de família? É mais comum que elas assumam esse papel na medida em que envelhecem?

Ana Amélia Camarano – Sim, porque elas ficam viúvas. Como os homens morrem, em média, sete anos antes que as mulheres, elas ficam viúvas e se tornam chefes de família. Elas têm a renda da pensão por morte e podem complementar com outras fontes de renda, formais ou informais.

IHU On-Line – Em sua opinião, a responsabilidade financeira familiar feminina veio para ficar ou é algo transitório?

Ana Amélia Camarano – Eu acho que ela veio para ficar. 42% da renda de todas as famílias brasileiras vem das mulheres. Não se pode abrir mão disso. Imagine a renda das famílias no país diminuir 42% se as mulheres voltarem para casa? É um caminho sem volta.

IHU On-Line – O que isso representa em relação às características da mulher contemporânea?

Ana Amélia Camarano – Ela é uma mulher mais independente, inclusive sexualmente. Essa é outra revolução que foi feita e impacta os arranjos familiares, que foram a separação da sexualidade da reprodução e a separação da sexualidade do casamento. Isso permite que as mulheres tenham uma vida mais independente que as do passado, tanto econômica como sexual e socialmente.

IHU On-Line – Como essa “nova mulher” repercute na configuração tradicional das famílias?

Ana Amélia Camarano – Temos a diminuição da família tradicional, que é aquela formada por casal com filhos. Em 1980, essa família era quase 70% do total de famílias brasileiras. Hoje é menos de 50%. O que temos são novos arranjos: famílias chefiadas por mulheres sem marido, famílias chefiadas por mulheres com marido, famílias chefiadas por homens sem

“A fecundidade está abaixo do nível de reposição, aliás, bem abaixo”

mulher, mulheres e homens morando sozinhos, etc.

IHU On-Line – A partir da nova configuração familiar que se instaura segundo os dados do último censo, quais os desafios para a previdência no Brasil, tendo em vista a dinâmica populacional?

Ana Amélia Camarano – Primeiramente, temos a questão do envelhecimento, ou seja, mais pessoas recebendo benefício por um tempo maior. Depois, temos a legislação previdenciária em relação à mulher, que ainda é baseada nos contratos tradicionais de gênero, em que a mulher é a cuidadora e dependente. Por isso ela recebe uma pensão de viuvez. Isso também acontece com os homens, mas como é baixa a proporção de homens viúvos, elas recebem o valor integral, quando viúva, do benefício do marido. Isso vai ter que mudar, porque hoje a mulher trabalha. Ela terá a sua aposentadoria. A legislação brasileira também permite que a mulher acumule os benefícios previdenciários dela com a pensão por morte do marido, porque isso é ainda fruto da visão de que a mulher era apenas cuidadora.

IHU On-Line – O que a senhora destaca em relação aos dados do censo 2010 sobre a taxa de fecundidade da mulher brasileira e o que pode ser dito sobre as projeções populacionais para os próximos anos?

Ana Amélia Camarano – A fecundidade está abaixo do nível de reposição, aliás, bem abaixo. Isso vai acarretar que, em torno de 2030, a população brasileira começará a diminuir e a força de trabalho começará também a diminuir, o que causará um impacto importante caso não haja um grande aumento de produtividade, até no crescimento do PIB.

Leia as

entrevistas

do dia no

sítio do IHU:

www.ihu.

unisinos.br

Transformações na estrutura das famílias brasileiras

É a partir do preenchimento do quadro de moradores do questionário, onde são codificadas as relações de parentesco que existem em cada unidade doméstica, que podemos construir os distintos tipos de família. Para o censo 2010, essa relação foi bem mais extensa do que nos censos anteriores, destacam Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

Questionados a respeito de como definir o novo modelo de família que surge no Brasil a partir dos dados do censo 2010, Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos avaliam, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que o “modelo” não é exatamente novo, mas fruto de uma série de mudanças na organização das famílias que vem ocorrendo nos últimos anos em resposta à queda da taxa de fecundidade, à maior esperança de vida, ao papel da mulher no mercado de trabalho, ao avanço na escolaridade das mulheres, à postergação da maternidade para idades mais velhas e ao aumento do número de separações e divórcios.

“Esse conjunto de fatores vem resultando numa maior diversificação de arranjos em direção às famílias de tamanho mais reduzido, com avós convivendo com netos, a ausência de cônjuge no domicílio e, mesmo no tipo ainda predominante ‘casal com filhos’, existem

as famílias chamadas reconstituídas, onde o cônjuge já viveu união anterior e pode ou não trazer filhos para morar com o novo cônjuge”, explicam. Para eles, a inovação no censo 2010 foi melhorar o instrumento de captação dessas mudanças, aprimorando o questionário e permitindo construir uma tipologia de família mais diferenciada a partir das estatísticas coletadas junto à população brasileira.

Barbara Cobo é doutora em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e especialista em Análise de Políticas Públicas. Trabalha como técnica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE na Gerência de Indicadores Sociais.

Gilson Gonçalves de Matos é estatístico formado pela Universidade de Brasília – UnB e mestrando em engenharia elétrica pela PUC-Rio de Janeiro. Trabalha como técnico do IBGE na Gerência de Indicadores Sociais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como se define o novo modelo de família que surge no Brasil a partir dos dados do censo 2010?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – O “modelo” não é exatamente novo, mas fruto de uma série de mudanças na organização das famílias que vem ocorrendo nos últimos anos em resposta à queda da taxa de fecundidade, à maior esperança de vida, ao papel da mulher no mercado de trabalho, ao avanço na escolaridade das mulheres, à postergação da maternidade para idades

mais velhas e ao aumento do número de separações e divórcios. Esse conjunto de fatores vem resultando numa maior diversificação de arranjos em direção às famílias de tamanho mais reduzido, com avós convivendo com netos, a ausência de cônjuge no domicílio e, mesmo no tipo ainda predominante “casal com filhos”, existem as famílias chamadas reconstituídas, onde o cônjuge já viveu união anterior e pode ou não trazer filhos para morar com o novo cônjuge. A inovação no censo 2010 foi melhorar o instrumento de captação dessas mu-

danças, aprimorando o questionário e permitindo construir uma tipologia de família mais diferenciada a partir das estatísticas coletadas junto à população brasileira.

IHU On-Line – Qual a importância da dimensão estatística para o conhecimento das diferentes configurações familiares existentes na sociedade brasileira? Nesse sentido, qual a principal novidade que destacam a partir dos dados do último censo em relação às famílias brasileiras?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – A investigação e quantificação dos arranjos familiares nos permite traçar panoramas e entender as transformações na estrutura das famílias brasileiras, sobretudo nas últimas décadas. Como novidades, podemos destacar os conceitos de unidades domésticas e famílias adotados neste censo bem como a identificação das famílias conviventes, que não foi feita no campo, mas de forma derivada a partir de perguntas existentes no questionário do censo. É a partir do preenchimento do quadro de moradores do questionário, onde são codificadas as relações de parentesco que existem em cada unidade doméstica, que podemos construir os distintos tipos de família. Para o censo 2010 essa relação foi bem mais extensa que nos censos anteriores.

IHU On-Line – O que destacam sobre os aspectos metodológicos dos conceitos utilizados pelo censo demográfico de 2010 referentes à família?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – Primeiramente, a introdução dos conceitos de unidade doméstica e famílias.

Unidade doméstica

A unidade doméstica é a denominação que se dá ao conjunto de pessoas que vive em um domicílio particular, cuja constituição se baseia em arranjos feitos pela pessoa, individualmente ou em grupos, para garantir alimentação e outros bens essenciais para sua existência.

Famílias

Quanto às famílias, foram consideradas como conjuntos formados por duas ou mais pessoas ligadas por laços de parentesco, consanguinidade ou adoção. Logo, os arranjos formados pelo responsável e por não parentes (agregados, pensionistas, empregados domésticos, etc.) não foram considerados famílias, a exemplo dos censos anteriores.

Identificação de famílias conviventes

Quanto à identificação das famílias conviventes, a derivação metodológica se deu a partir das relações de

“A inovação no censo 2010 foi melhorar o instrumento de captação dessas mudanças, aprimorando o questionário e permitindo construir uma tipologia de família mais diferenciada a partir das estatísticas coletadas junto à população brasileira”

parentesco com o responsável, bem como dos quesitos de maternidade e conjugalidade (existência de filhos e cônjuges no domicílio e respectivas identificações).

IHU On-Line – Como se dá o processo de concepção de unidade familiar desenvolvido pelo IBGE? Em que sentido ele se relaciona com o conceito sociológico de família?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE se baliza em recomendações internacionais para coleta de informações, em especial a Comissão de Estatísticas da Organização das Nações Unidas – ONU, seguindo-as sempre que possível, considerando as adequações e adaptações necessárias à realidade brasileira. E essas recomendações se baseiam nos conceitos sociológicos

de família, mas limitadas às especificidades referentes à operação de campo e coleta das informações. Muitas vezes determinada informação é de difícil entendimento por parte da população, de difícil aplicabilidade ou subjetiva demais a ponto de não serem interpretadas por todos da mesma forma. Como as pesquisas domiciliares do IBGE não têm por objetivo o estudo de famílias somente, mas uma ampla gama de temas sociais, opta-se pela forma mais objetiva de captação da informação. O entrevistador primeiramente pergunta quem seria a pessoa responsável pelo domicílio (assim indicada pelos demais membros) e a partir desta identificação começa a enumerar as relações de parentesco dos demais moradores em relação a esta pessoa. Com essa identificação, a construção dos tipos é realizada de forma a retratar as principais formas de organização das famílias brasileiras.

IHU On-Line – Segundo o último censo, quais são os principais tipos de núcleo familiar? Em que se diferem do censo 2000, por exemplo?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – A maior parte dos núcleos é ainda composta por casais com filhos, seguidos dos casais sem filhos e arranjos monoparentais, sobretudo os femininos. Merece destaque o crescimento da proporção de casais sem filhos entre 2000 e 2010, sendo causas possíveis para o fenômeno a maior participação da mulher no mercado de trabalho, as baixas taxas de fecundidade e o envelhecimento da população.

IHU On-Line – A partir dos dados do último censo, como a questão econômica se reflete na forma de as famílias se estruturarem?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – Ainda não realizamos estudos aprofundados acerca desta questão. Mas a distribuição dos tipos de família por classes de rendimento familiar mostra que o tipo “casal com filhos” é mais comum nas famílias com maiores rendimentos (chega a 35% dos arranjos em famílias com mais de cinco salários mínimos per capita. Para as famílias com até ¼ de salário mínimo per capita, esse percentual é

de 4,5%). “Casal com filhos” é o tipo mais comum em todas as classes de renda, mas mais representativo nas classes com menor rendimento, assim como mulher sem cônjuge com filhos. Observa-se também que dentre as famílias conviventes, a maioria é sem rendimento e formada por mulher sem cônjuge com filho, o que sugere que podem ser filhas que tiveram filho e continuaram a viver com os pais.

IHU On-Line – Que políticas públicas podem ser sugeridas a partir dos resultados do censo 2010 sobre as famílias brasileiras?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – Diversas políticas públicas têm sido formuladas tendo a família como unidade beneficiária, como o próprio Bolsa Família, por exemplo. As informações devem ser cruzadas com as de rendimento, saneamento e trabalho para a formulação de políticas públicas específicas para essas áreas.

IHU On-Line – Quais os limites que devemos levar em conta ao analisarmos os dados do censo em relação à família? Quer dizer, os dados são reportados de maneira sincera ao recenseador, quando o assunto é a homossexualidade, por exemplo?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – Isso não é possível afirmar. O recenseador preenche o formulário com as respostas dadas pelos entrevistados, sem interferir nas repostas (neutralidade). A pergunta sobre a existência de “cônjuge do mesmo sexo” é relativamente nova, mas as demais mostram seguir as tendências observadas em outras pesquisas amostrais do

“Merece destaque o crescimento da proporção de casais sem filhos entre 2000 e 2010, sendo causas possíveis para o fenômeno a maior participação da mulher no mercado de trabalho, as baixas taxas de fecundidade e o envelhecimento da população”

IBGE, como a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* – PNAD e a Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF, o que confere robustez e consistência aos dados censitários. O IBGE não investigou homossexualidade no censo.

IHU On-Line – Que tipo de família já é comum na sociedade brasilei-

ra, mas que não aparece no questionário do IBGE? Como se caracterizam as famílias “novíssimas”?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – Na verdade, entre os casais com filhos, foram identificados aqueles reconstituídos (com filhos de uniões anteriores), os quais não foram investigados nos censos passados, pelas próprias categorias da variável de relação de parentesco com o responsável em tais pesquisas. Os únicos arranjos familiares não identificados são os monoparentais masculinos, quando estes conviviam com um núcleo principal. Porém, este caso é pouco frequente no contexto brasileiro. Os demais tipos de famílias foram identificados a partir do questionário.

IHU On-Line – O que o Brasil pode aprender com os outros países sobre a forma de recensear sua população, principalmente em relação às novas modalidades familiares?

Barbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos – O IBGE segue recomendações internacionais de coleta de informações e busca apreender exemplos internacionais de sucesso para sempre melhorar as suas formas de captação. No caso do tema família, aumentamos o número de relações de parentesco possíveis a fim de permitir a constituição de tipos mais diferenciados específicos. Alguns ainda não são possíveis pelos dados, como os casais que vivem em casas separadas. Mas a ideia é que, aos poucos, possamos aprimorar nossos instrumentos de coleta e acompanhar cada vez de mais perto às mudanças em curso na sociedade.

LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

As telenovelas acompanham as mudanças da família brasileira

Esther Hamburger defende que há uma diversidade de arranjos familiares nas novelas que se relaciona com a diversidade de arranjos que existe na sociedade brasileira

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

A vida imita a arte ou a arte inspira a vida? Para a professora Esther Hamburger, tanto a novela tem inspiração na realidade como ela é influenciadora da vida social real. “Porque a novela faz parte da realidade. Ela capta coisas, as transforma e depois expressa. Esse é o processo. Como é feita ao mesmo tempo em que vai ao ar, ela se apoia muito nessa dinâmica de captar as ansiedades que estão na sociedade e devolvê-las”, explica, em entrevista concedida por telefone para a **IHU On-Line**. Na visão da pesquisadora, “as novelas fazem sucesso quando provocam temas polêmicos, quando trazem à tona temas que as pessoas lidam no cotidia-

no. Ao trazer para o horário nobre, a novela legitima a existência do problema e o reconhece de uma forma que todo mundo assiste. Então, todos compartilham aquelas histórias e podem usá-las para discutir suas próprias opiniões e seus próprios problemas”.

Esther Hamburger é professora da Universidade de São Paulo – USP, Ph.D em Antropologia pela Universidade de Chicago, com pós-doutorado pela Universidade do Texas, Austin. É crítica e ensaísta, autora do livro *O Brasil antenado: a sociedade da novela* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o modelo de família que é vendido pelas telenovelas atuais?

Esther Hamburger – Não há um modelo de família. Há diversos. Há uma diversidade de arranjos familiares que se relaciona com a diversidade de arranjos que existe na sociedade brasileira. Então, por exemplo, em Avenida Brasil¹, tinha

os mais variados tipos de família. Inclusive a novela valorizou a família do Tufão, um dos personagens principais, que, no fim, tinha filhos que não eram seus filhos, mas a ideia de família permaneceu valorizada, mesmo que admitindo uma diversidade. Isso tem a ver com o sucesso da novela também.

IHU On-Line – Guardadas as devidas proporções entre ficção e vida real, o que o casamento entre o personagem Cadinho, da novela Avenida Brasil, e suas três mulheres, pode

signalizar sobre novas modalidades de família que surgem no Brasil?

Esther Hamburger – Não acho que as pessoas vão seguir esse modelo. As pessoas não imitam o que a novela mostra. A novela serve como um repertório comum entre as pessoas mais diferentes, que serve para cada um colocar seu ponto de vista: discordar, concordar, expor outras formas. Não penso que a novela vá estimular esse tipo de arranjo, mesmo porque sabemos que o problema existe. E a novela faz justamente uma valoração positiva das famílias. É importante ressaltar que as novelas fazem sucesso quando provocam temas polêmicos, quando trazem à tona temas que as pessoas lidam no seu cotidiano. Ao trazer para o horário nobre, a novela legitima a existência do problema e o reconhece de

¹ Avenida Brasil é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo de 26 de março de 2012 a 19 de outubro de 2012, sucedendo Fina Estampa e sendo sucedida por Salve Jorge. Escrita por João Emanuel Carneiro com a colaboração de Antonio Prata, Luciana Pessanha, Alessandro Marson, Márcia Prates e Thereza Falcão com direção de Gustavo Fernandez, Thiago Teitelroite, Paulo Silvestrini, André Camara e Joana Jabace com direção geral de José Luiz Villamarim e Amora Mautner e direção de núcleo de Ricardo Waddington. Débora Falabella,

Adriana Esteves, Cauã Reymond, Murilo Benício, Eliane Giardini, Marcos Caruso, Vera Holtz, José de Abreu, Marcello Novaes, Heloísa Perissé, Nathalia Dill, Alexandre Borges, Débora Bloch, Camila Morgado, Carolina Ferraz, Leticia Isnard e Ísis Valverde interpretaram os papéis principais. (Nota da IHU On-Line)

uma forma que todo mundo assiste. Então, todos compartilham aquelas histórias e podem usá-las para discutir suas próprias opiniões e seus próprios problemas.

IHU On-Line – De forma geral, como o povo brasileiro reagiu diante de um marido com três esposas (Cadinho) e uma mulher (Suélen) com dois maridos? O que mais choca e o que mais provoca identificação e simpatia?

Esther Hamburger – A solução do Cadinho, com três mulheres, e da Suélen, com dois homens, na verdade, é um tratamento bem humorado para tensões que as pessoas enfrentam no dia a dia, pessoas dos mais variados tipos, das mais diferentes idades e gêneros. A novela reconhece que o problema existe, mas o resolve com bom humor.

IHU On-Line – Em sua opinião, a novela tem inspiração na realidade ou é influenciadora da vida social real?

Esther Hamburger – As duas coisas. Porque a novela faz parte da realidade. Ela capta coisas, as transforma e depois expressa. Esse é o processo. Como ela é feita ao mesmo tempo em que vai ao ar, ela se apoia muito nessa dinâmica de captar as ansiedades que estão na sociedade e devolvê-las.

IHU On-Line – Resgatando a trajetória histórica das telenovelas brasileiras, o que mais mudou em relação ao modelo de família nos últimos anos?

Esther Hamburger – É muito interessante pensar a novela em relação aos modelos de família. Porque há uma diversificação crescente na sociedade brasileira, como os demógrafos mostram, e as novelas acompanham isso tudo, pois elas fazem parte de um processo de mudança demográfica do Brasil. O país vem mudando muito nos últimos 50 anos e são mudanças muito radicais. Tão radicais que afetam a estrutura fa-

“O país vem mudando muito nos últimos 50 anos e são mudanças muito radicais. Tão radicais que afetam a estrutura familiar”

miliar. É uma combinação de fatores que levam a isso. Não existe uma única causa. Uma coisa interessante é que, segundo o último censo, aumentou o número de pessoas que vivem sozinhas. Isso, em novela, é muito raro aparecer. Então, podemos ver que a ligação não é imediata. Há muitas mediações acontecendo. De forma geral, a novela capta as transformações que vêm ocorrendo na família brasileira. Às vezes, ela devolve reforçando alguma tendência e às vezes ela devolve com alguma solução inusitada e criativa, como foi o caso desta última.

IHU On-Line – Considerando que, segundo o último censo, tem aumentado o número de mulheres chefes de família, como aparece nas novelas a mudança do protagonismo feminino na sociedade – dentro e fora de casa?

Esther Hamburger – No caso das famílias chefiadas por mulheres, principalmente nessa última novela, até que havia alguns casos. No caso da família do Tufão, ele era o chefe. Embora os filhos não sendo dele, ele continua se considerando o pai e é o chefe da família. Depois, tem a família da Lucinda (no núcleo do lixão), chefiada por ela. O Cadinho se tornou o chefe de uma grande família com três mulheres, ou de

três famílias. A novela, ao longo dos anos, foi fortalecendo uma ideia de mulher que dá conta de muitas coisas: a mulher que trabalha, que tem desejo e direito ao prazer. A novela legitimou a separação, inclusive antes de o divórcio ser aprovado no Brasil. Sem dúvida, ela acompanha esse processo de independência da mulher, mas problematiza pouco as relações de gênero propriamente ditas no que diz respeito à distribuição do trabalho doméstico, por exemplo. Ela não necessariamente entra nessa discussão. Em geral, se favorece o modelo de supermulher, que dá conta de tudo, de ser mãe, mulher, esposa, profissional. Nesse sentido, embora as mulheres tenham, ao longo dos anos, ganhado muito espaço, problematiza-se pouco as consequências dessa multiplicidade de tarefas das quais a mulher é cobrada.

IHU On-Line – Como a fragmentação da família e a liberalização das relações conjugais têm aparecido nas novelas da Globo nos últimos anos?

Esther Hamburger – As novelas acompanham o processo de mudança social. Às vezes elas estimulam e às vezes elas “seguram”. Não são um espelho sem distorções. Por outro lado, elas não estão fora da realidade, mas fazem parte dela. O que vimos foi essa novela mais recente (Avenida Brasil) tomando iniciativas muito inesperadas e inovadoras, o que não quer dizer que as pessoas vão seguir o modelo que a novela está oferecendo. Só quer dizer que as pessoas, dentro dos próprios problemas, verão que esses problemas não são especificamente seus, mas são compartilhados e reconhecidos por todos e podem pensar em soluções criativas para eles. De qualquer forma, a personagem da Suélen é muito interessante, talvez a mais inovadora dessa novela, pois ela tenta uma saída que envolve não só dois homens como também uma afirmação do homossexualismo.

“Estamos vivendo cada vez mais numa sociedade de indivíduos”

Portanto, a sociedade tem que aprender a viver ou conviver com famílias diferenciadas

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Thierry Linard de Guertechin, demógrafo, acredita que a família tradicional estável e com filhos está perdendo sua hegemonia. “Pode também haver reivindicações de constituir outros tipos de famílias. Dois fatores exercem uma razão de causa a efeito e reciprocamente: a nupcialidade e a fecundidade. Segundo o censo demográfico de 2010, das 81 milhões de pessoas de mais de 10 anos que viviam um tipo de união conjugal (metade da população de mais de 10 anos de idade), registram-se 51 milhões de pessoas casadas legalmente e 30 milhões de pessoas vivendo em ‘uniões consensuais’”, diz. E completa: “Há décadas que este efetivo não para de aumentar e tornou-se matriz dos rearranjos familiares. Por outro lado, hoje, para quatro casamentos celebrados, registra-se um divórcio no ano corrente”.

Thierry Linard de Guertechin é jesuíta, nascido na Bélgica, residente permanente no Brasil desde 1975. Sua formação básica é nas áreas de Filosofia e Teologia, com mestrado em Demografia, pela Universidade Católica de Lovaina e em Geografia na Universidade de Liège, Bélgica. Professor na PUC-Rio desde 1976 a 1996, no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas, foi diretor regional da Fundação Fé e Alegria (1990-1997) e assistente espiritual da Ação Social Padre Anchieta – ASPA, na favela da Rocinha. Exerce atividades de assessoria ao Setor Pastoral Social da CNBB. Pesquisador e professor no Centro de Investigação e Ação Social e no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento – CIAS/IBRADES desde 1980. Atualmente é diretor do CIAS/IBRADES

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No Brasil, a família tradicional (pai, mãe e filhos) já não é mais maioria (49,9%). O que isso significa sobre as mudanças que a família vem sofrendo atualmente?

Thierry Linard de Guertechin – Não diria que a família tradicional está sofrendo alguma coisa. Só que ela vê sua hegemonia diminuir em termos de maioria absoluta, perdendo espaço na sociedade brasileira, pois assistimos a uma multiplicação e diversificação de outros arranjos familiares. Se não me engano, do censo demográfico de 2000 a 2010, no registro de tipos de famílias, passamos de 11 a 19, sendo 18 que se distinguem, no censo de 2010, da família tradicional nuclear composta de pai, mãe e filho (s).

IHU On-Line – O que representa para a família o fato de que as mulheres já assumem a responsabilidade por muito mais lares do que há dez anos? Como o homem se posiciona e se sente nesse novo cenário?

Thierry Linard de Guertechin – O fato de famílias chefiadas por mulheres vivendo com filhos é, na verdade, uma tendência que começou nas décadas anteriores, eu diria nos anos 1960, e que está continuando a crescer. Hoje (no censo de 2010), registram-se 8,5 milhões de famílias chefiadas por mulheres, seja 15,1% do total das famílias. Elas eram da ordem de 12% há dez anos. Segundo pesquisas, são famílias de baixa renda em sua maioria, o que foi comentado com a feminilização da pobreza no Brasil.

Como os homens se posicionam neste cenário que não é tão novo? Observamos uma minoria de pais com filhos, da ordem de 2,3%. Por outro lado, os homens têm mais propensão que as mulheres em realizar outra união depois da separação ou do abandono da mãe solteira.

IHU On-Line – Que tipo de sociedade pode estar se formando com famílias onde muitos netos estão morando com avós?

Thierry Linard de Guertechin – Ainda bem que têm os avós que ajudam as famílias monoparentais ou não, no mesmo domicílio ou não. O fato de a família estar constituída de três gerações é de suma importância para seu bem-estar ou até para sua

sobrevivência. Em não poucos casos os avós estão contribuindo de maneira significativa à renda familiar. Pode ser um resquício da família composta do passado. Nesse caso, não seria uma novidade. Mas creio que a sua permanência ou continuidade é resposta a uma situação nova por meio de arranjo familiar antigo.

IHU On-Line – O que esperar da família chamada “mosaico” (a do meu, do seu e dos nossos filhos)?

Thierry Linard de Guertechin – A família chamada “mosaico” resulta de histórias de vida marcadas por uniões instáveis, separações e novas uniões, juntando os filhos tanto de um parceiro como do outro. Um ponto final desse processo pode resultar em famílias com padrastos e/ou madrastas tomando conta dos filhos dos antigos parceiros. Trata-se de uma reorganização familiar que alguns qualificam de desagregação, outros de rearranjo familiar pelas condições da vida. É uma solução pragmática que permite manter um lar para crianças fruto de outras uniões, solução mais desejável do que o abandono dessas crianças a sua sorte.

IHU On-Line – Podemos afirmar que as novas famílias prenunciam um século diferente? Como seria a sociedade do futuro a partir das novas constituições familiares?

Thierry Linard de Guertechin – A sociedade tem que aprender a viver ou conviver com famílias diferenciadas. A família tradicional estável e com filhos está perdendo sua hegemonia. Pode também haver reivindicações de constituir outros tipos de famílias. Dois fatores exercem uma razão de causa a efeito e reciprocamente: a nupcialidade e a fecundidade. Segundo o censo demográfico de 2010, das 81 milhões de pessoas de mais de 10 anos que viviam um tipo de união conjugal (metade da população de mais de 10 anos de idade), registram-se 51 milhões de pessoas casadas legalmente e 30 milhões de pessoas vivendo em “uniões consensuais”. Há décadas que este efetivo não para de aumentar e tornou-se matriz dos rearranjos familiares. Por outro lado, hoje, para quatro casamentos celebrados, registra-se um divórcio no ano corrente.

IHU On-Line – Falou-se que a família iria acabar, tal como se disse quando a mulher conquistou o direito ao voto. Entretanto, a família se adapta, se renova. Qual a importância dos laços afetivos nesse sentido?

Thierry Linard de Guertechin – Se a família tradicional não tem mais a maioria absoluta, ela fica ainda bem representativa sendo modelo dominante de referência a partir do qual se definem as novas formas de famílias. Os pesquisadores chamam a atenção sobre as novidades e adaptações em termos de arranjo familiar. De fato, apesar dos pesares, a família está formando um valor para as pessoas. Movimentos femininos de emancipação têm seu papel na transformação atual; isso gera efeitos também sobre as famílias tradicionais. Trata-se de rever o papel da mulher em família na sociedade. A família faz parte da sociedade, de uma sociedade que luta ou deveria lutar mais pela igualdade entre homens e mulheres. Interessante é a percepção, no imaginário popular, de muitas mulheres que não querem o casamento nem no papel no religioso, pois, como dizem, “casar dá azar”. Nesse caso, o casamento é visto como um vínculo que submete legalmente a mulher aos caprichos do marido. Pelo contrato de matrimônio se fixa uma situação desigual que perdura e perde a flexibilidade de união mais informal. Também é verdade que muitos homens não estão dispostos a assumir compromissos, o que é outra forma de desigualdade. Uma última forma de adaptação que evidencia a busca de laços afetivos, mas dentro de uma sociedade em que o dinheiro e o indivíduo são sobrevalorizados, é a família “DINC”¹. Morando ou não juntos, trata-se de uma união afetiva de “duplo ingresso nenhuma criança”. Duplo ingresso significa que cada um tem o seu rendimento e/ou trabalho com o projeto de não ter filhos.

IHU On-Line – Quais as instituições sociais que mais devem se adaptar às novas formas familiares do século XXI? Qual deve ser a postura da Igreja nesse sentido?

¹ Casais de dupla renda e sem filhos é o que constitui a chamada família DINC (Duplo Ingresso, Nenhuma Criança). (Nota da IHU On-Line)

Thierry Linard de Guertechin – Se o último tipo de família se torna hegemônico, a sociedade vai encontrar dificuldades para sobreviver e garantir a sobrevivência da sua própria população envelhecida. Nas evoluções da nupcialidade, da fecundidade e das famílias, não é fácil determinar se é o ovo que vem da galinha ou se é a galinha que vem do ovo. Um fato seguro é a queda da fecundidade da mulher que, no Brasil, passou de mais de 6 a menos de 2 nascidos vivos por mulher, isso em 50 anos, quer dizer em duas gerações! Por outro lado, o Código Civil já, em parte, se adaptou às outras formas de famílias que a tradicional. Reconhecem os direitos dos cônjuges. Mas sempre o direito vem depois das mudanças de costumes. Por outro lado, segmentos da sociedade não reconhecem algumas formas de arranjos familiares negando a esses o nome de “casamento” e os direitos (e deveres?) consequentes.

Posição da Igreja

A Igreja manifesta reservas nítidas diante dessa diversidade e multiplicação de famílias de tipos diferentes da família tradicional que conhecemos no passado como hegemônica. Mas não podemos, no concreto da vida, idealizar a família tradicional, pois, segundo eminentes canonistas, o matrimônio católico sofre, em não poucos casos, de validade canônica. Abre-se aqui um campo pastoral para uma melhor compreensão da vida do casal e a celebração do sacramento do matrimônio. Para concluir, uma inquietação: estamos vivendo cada vez mais numa sociedade de indivíduos.

Leia mais...

Thierry Linard de Guertechin já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *Ibrades e a formação social e política*. Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line**, edição 337, de 02-08-2010, disponível em <http://zip.net/bkhp1z>.

“Há uma hierarquia racial na sociedade”

José Luis Petruccelli destaca que o fator raça intervém fortemente na escolha da pessoa para casar

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

Segundo o censo 2010, as mulheres pretas são as que menos se casam. Na opinião do pesquisador do IBGE, José Luis Petruccelli, isso acontece porque “a sociedade tem preconceitos em termos de valores, de beleza, de prestígio, de padrões europeus, no sentido de que o branco e loiro é mais bonito do que outro tipo de aparência física. Esses valores predominantes fazem que as pessoas aparentemente tenham um ‘capital’ diferenciado na hora de serem escolhidas como parceiros para formar casais”. Na entrevista que aceitou conceder por telefone para a **IHU On-Line**, Petruccelli explica que “os dados mostram – e isso já vem de outras pesquisas – que as mulheres brancas têm uma taxa de nupcialidade mais elevada que as pardas e estas com uma taxa mais elevada que as pretas. Há um número de mulheres que nunca se casaram aos 50 anos de idade, que é de 10 pontos percentuais mais elevados para as mu-

lheres pretas do que as mulheres brancas”. E continua: “se a maioria das pessoas de cor ou raça branca se casa entre ela, fica sobrando pouco para as iniciativas de miscigenação por meio do casamento inter-racial. Por exemplo, por que as mulheres pretas se casam menos com homens brancos? Porque há um estigma social”.

José Luis Petruccelli é doutor em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences

Sociales de Paris, França, e mestre em Demografia pela School of Hygiene and Tropical Medicine, de Londres. Pesquisador do Departamento de Indicadores Sociais da Diretoria de Pesquisas do IBGE, suas áreas de atuação recentes são: desigualdades raciais, identificação étnico-racial, políticas públicas de ação afirmativa, categorias de classificação étnico-racial.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como entender que 70% dos casamentos no país ocorrem entre pessoas de mesma cor?

José Luis Petruccelli – Em primeiro lugar, é importante destacar que esse não é um fato novo, deste censo 2010. Isso vem sendo verificado já desde o censo de 1980 e com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD da década de 1990. O censo mais recente reforça essa tendência de seletividade na hora da escolha do parceiro para formar o casal, que já vem de longa data. O fator

raça intervém fortemente na escolha da pessoa para casar.

IHU On-Line – Então a raça é realmente um fator predominante na escolha de parceiros conjugais?

José Luis Petruccelli – Nas décadas de 1980 e 1990 o patamar dos casamentos no país que ocorriam entre pessoas de mesma cor era em torno de 80%. O censo de 2000 e o censo de 2010 mostram uma tendência um pouco decrescente, mas muito pouco ainda, chegando ao patamar de 70%, que ainda é um percentual considera-

do bastante elevado, porque o padrão de comparação é feito com a pergunta de qual seria esse percentual caso as escolhas não fossem determinadas pela raça do parceiro. E aí chegamos ao valor estimado de pouco mais de 40%. Entretanto, como o valor apontado pelo censo é em torno de 70%, isso indica que as escolhas não são aleatórias, ou seja, a raça é um fator determinante.

IHU On-Line – Isso tem a ver com a questão do racismo também?

José Luis Petruccelli – Sim. É o que chamamos de racismo estrutural. Não é que o comportamento das pessoas seja racista individualmente. É que toda a estrutura socioeconômica leva a comportamentos que induzem à reprodução das relações de dominação pelos grupos que estão nos lugares dominantes da sociedade, lugares de maior prestígio. A estratégia desses grupos é de reprodução.

IHU On-Line – O casamento entre pessoas de mesma cor ou raça é maior/ mais comum entre quais raças?

José Luis Petruccelli – Há uma questão metodológica envolvida aqui. Os grupos não têm tamanhos equivalentes, ou seja, pouco menos da metade da população se declara como que de cor branca. Em torno de 40% se declara de cor parda e em torno de 7% se declara de cor preta. Então, esses grupos são de tamanhos diferentes e esses tamanhos também incidem no resultado da participação no mercado matrimonial. Os números e taxas brutas indicam que o branco tem maior taxa de endogamia, que é a tendência de se casar dentro do mesmo grupo. Depois, seguida pelos de raça/cor parda e em terceiro lugar pela de cor ou raça preta.

IHU On-Line – Em que sentido esses dados desconstruem o mito da altíssima miscigenação da harmonia racial?

José Luis Petruccelli – No sentido de que os dados mostram que não há tal harmonia. Por exemplo, nos Estados Unidos se fala em uma sociedade *color blind*, em que a raça não seria um fator que intervém nas relações sociais. Isso mostra como as pessoas são classificadas e percebidas de acordo com o grupo étnico-racial ao qual pertencem e, por isso, sofrem comportamentos bem diferenciados. Ou seja, têm regiões em que os brancos usufruem de vantagens notórias em relação ao acesso

“Os números e taxas brutas indicam que o branco tem maior taxa de endogamia, que é a tendência de se casar dentro do mesmo grupo”

aos melhores postos de trabalho, às melhores universidades, etc. E outros grupos são relativamente menos favorecidos e acabam preteridos nessas opções. Há uma hierarquia racial na sociedade.

IHU On-Line – Considerando estes dados, o que esperar da miscigenação e da mobilidade social no Brasil para os próximos anos?

José Luis Petruccelli – Esses dados que foram divulgados agora são da amostra do censo 2010. Não é um estudo aprofundado sobre cada um dos temas. Para responder a essa pergunta, vou usar outros estudos e outros levantamentos. Por exemplo, com os levantamentos das PNADs, verificou-se que as gerações mais jovens têm uma tendência menor à endogamia do que as gerações mais velhas. Talvez a tendência seja reduzir a endogamia, ou seja, ampliar as uniões inter-raciais. Mas é preciso verificar essa tendência para ver se ela se confirma com o tempo.

IHU On-Line – Segundo o censo 2010, as mulheres pretas (7% da população) são as que menos se casam. Em sua opinião, por que isso acontece?

José Luis Petruccelli – Porque a sociedade tem preconceitos em termos de valores, de beleza, de

prestígio, de padrões europeus, no sentido de que o branco e loiro é mais bonito do que outro tipo de aparência física. Esses valores predominantes fazem que as pessoas aparentemente tenham um “capital” diferenciado na hora de serem escolhidas como parceiros para formar casais. Os dados mostram – e isso já vem de outras pesquisas – que as mulheres brancas têm uma taxa de nupcialidade mais elevada que as pardas e estas com uma taxa mais elevada que as pretas. Há um número de mulheres que nunca se casaram aos 50 anos de idade, que é de 10 pontos percentuais mais elevados para as mulheres pretas do que as mulheres brancas.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

José Luis Petruccelli – Nós falamos aqui sobre a endogamia e o casamento de pessoas entre a mesma raça com taxa elevada, mas gostaria de destacar que o grupo que se identifica como de cor ou raça branca utiliza esse mecanismo como estratégia de sobrevivência e reprodução, afinal é um grupo privilegiado dentro da sociedade. Por isso que a tendência é de haver mais casamentos dentro desse grupo racial. Os outros grupos não usam o mesmo tipo de estratégia. Se a maioria das pessoas de cor ou raça branca se casa entre ela, fica sobrando pouco para as iniciativas de miscigenação por meio do casamento inter-racial. Por exemplo, por que as mulheres pretas se casam menos com homens brancos? Porque há um estigma social, situações nas quais um casal formado por um homem branco e uma mulher preta é visto com preconceito, e se depara com afirmações do tipo “ah, ela deve ser prostituta” ou “deve ser só um encontro casual”.

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Entrevista da Semana

Não existe o “pós-humano”

Autor do conceito de “quase realismo”, Simon Blackburn questiona o neo-humanismo e observa que a filosofia analítica está mudando. Para ele, a filosofia da lógica e da linguagem tornou-se dominante sobre e epistemologia, a filosofia da mente e a psicologia

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO: SILVIA FERABOLLI

“Os fatores não genéticos afetam o gene. É importante conhecer o ambiente social e psicológico dentro dos quais essas questões genéticas importam. Parece que, se queremos seres humanos melhores, nos já sabemos como produzi-los: com melhor educação, mais cuidados maternos, mais recursos e mais oportunidades. Então, não há ‘pós-humano’”. A declaração é do filósofo britânico Simon Blackburn, na entrevista que concedeu pessoalmente à **IHU On-Line** por ocasião de sua vinda a Porto Alegre, no evento Fronteiras do Pensamento, em agosto.

Membro honorário da Academia Americana de Artes e Ciências, centro independente que conduz estudos interdisciplinares, Blackburn é também vice-presidente da Associação Humanista Britânica. Ele atuou por décadas como professor da Universidade de Cambridge e produziu obras de repercussão tais como *Dicionário Oxford de Filosofia* (1994), *Pense – Uma Introdução à Filosofia* (1999), *Verdade – Um Guia para os Perplexos* (2005) e *A República de Platão* (2006). Nesse último, dedicou-se a uma leitura do pensador grego à luz da política neoconservadora dos EUA.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é o neo-humanismo? Há aproximações possíveis com o pós-humanismo?

Simon Blackburn – Não estou muito certo do que o pós-humanismo significa, pois pode significar várias coisas. Acredito que o humanismo, em minha concepção, seja simplesmente o entendimento de que a antropologia estuda o que os seres humanos fazem ou o que eles podem ou devem fazer. Tradicionalmente, o humanismo tem sido associado com o otimismo ou um iluminismo do otimismo sobre os avanços que podemos fazer em nós mesmos devido à educação, à ciência, à tecnologia, a regimes políticos mais liberais. Eu compartilho desse otimismo. Acredito que o atual estado do mundo é melhor do que há 200, 400 anos, o que significa que, até certo ponto, acredito no progresso. Não

acredito que o progresso seja inevitável, pois podemos retroceder.

O pós-humanismo, para mim, pode não significar nada, exceto uma espécie de armadura usada em favor de seres que não são humanos e que talvez tenham nos sucedido. Isso não é nada mais do que uma fantasia. Se o pós-humanismo tiver uma expressão prática mais concreta, como a manipulação genética, então eu o considero altamente questionável devido a dois fatores: em primeiro lugar, praticamente todos os traços psicológicos interessantes nos seres humanos são *apolygenic*, ou seja, sabemos que não existe um “gene” para a inteligência ou para “não” entender algo corretamente. Existem muitas maneiras pelas quais as pessoas podem aprender a entender algo corretamente. E isso não está nos genes.

Então temos a apoligenia e a explosão combinatória. Em segundo lugar, existe também o problema de que agora sabemos que os genes se expressam de maneiras diferentes em diferentes ambientes, sejam eles ambientes dietéticos, químicos ou sociopolíticos. Houve um experimento muito famoso no Canadá, quando um cirurgião fez experimentos com ratos e descobriu que se um rato é criado por uma boa mãe (como aquelas que lambem seus filhotes) o seu cérebro fica diferente – ele é formado de maneira diferente de um rato que é criado em um ambiente frio e sem cuidados. E o segundo tipo de rato fica estressado muito facilmente, muito nervoso e sem confiança. A lambida materna revelou-se determinante no desenvolvimento psicológico do rato. Ora, nos humanos nós já sabemos que esse é

o caso: já sabemos que crianças que são bem criadas serão mais confiantes, mais alegres e mais calmas, mais relaxadas do que as crianças que não tiveram a mesma sorte, isto é, do que crianças que não tiveram cuidados maternos. Então, acredito que a ideia de pós-humano pertence a um tempo, talvez 10 a 12 anos atrás, quando as pessoas pensavam que os genes eram tudo, que os genes eram nosso destino, que mudando um gene se mudava tudo, que o genoma humano seria tudo. Todavia, não se acredita mais nisso, incluindo os cientistas. Os fatores não genéticos afetam o gene. É importante conhecer o ambiente social e psicológico dentro dos quais essas questões genéticas importam. Parece que, se queremos seres humanos melhores, nos já sabemos como produzi-los: com melhor educação, mais cuidados maternos, mais recursos e mais oportunidades. Então, não há “pós-humano”.

IHU On-Line – Há influências de David Hume¹ ou mesmo René Girard² e sua teoria do desejo mimético na teoria de “quase realismo” que o se-

nhor formulou? O que podemos entender por “quase realismo”?

Simon Blackburn – Primeiramente, devemos colocar Hume em seu lugar histórico. Acredito que ele tenha sido o primeiro filósofo a entender uma ideia muito diferente de ciências naturais, do entendimento do humano – as melhores possibilidades para o entendimento do humano. Ele foi o primeiro a articular uma visão completamente moderna disso. Pensadores anteriores podem ser localizados no grupo de ideal racionalista, como Aristóteles³ nos *Analíticos Posteriores*, que pensava que a ciência se tornaria uma questão de localização de princípios a partir dos quais tudo poderia ser deduzido e seus princípios primeiros, que seriam uma variável para a luz natural da razão. A ideia medieval de que a Igreja vivia de acordo com a razão natural levou, no século XVII, a um tipo de ambição matemática para a ciência, ou seja, se realmente entendêssemos a natureza nos veríamos não apenas como uma coisa que segue a outra, em uma sequência de eventos, mas veríamos por que os eventos devem suceder, por que eles devem formar os padrões e estruturas, por que Deus pode ver isso e nossa razão nos permite uma pequena imitação da mente de Deus se nós a usarmos de maneira correta. Essa é a ideia de Descartes⁴,

Spinoza⁵ e dos iluministas, especialmente. Trata-se do princípio da razão suficiente. Existe sempre uma razão suficiente para as coisas serem do jeito que são. Quando Newton⁶ surgiu, ele não nos disse por que as coisas “deveriam ser” como são; ele simplesmente nos disse como elas eram. Ele nos disse que a lua, o sol, as estrelas e a terra se atraem mutuamente a uma certa força proporcional inversa ao quadrado da distância entre elas. É assim que as coisas são. Ninguém pode ver porque isso “tem de ser desse jeito”, porque esse é apenas um padrão de eventos – é assim que os corpos se comportam. Apresentar isso como um paradigma do entendimento humano – “isso é o melhor que podemos fazer” – foi uma grande mudança na visão de mundo. Isso acabou por levar a um certo declínio da ambição, a um certo pessimismo.

Paixões e medo

O próprio Hume também disse que “a mais perfeita filosofia do tipo natural apenas afasta um pouco mais a nossa ignorância”. No fim, isso significa algo como: “é assim que funciona!”; “mas por que funciona desse jeito?”; “eu não sei...”. Acredito que

à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

5 Baruch de Spinoza (1632 - 1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna, e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 398 da revista IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento, disponível em <http://bit.ly/ITqFx>. (Nota da IHU On-Line)

6 Isaac Newton (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da IHU On-Line)

1 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o Tratado da natureza humana. Sobre ele, leia a IHU On-Line número 369, de 15-08-2011, intitulada *David Hume e os limites da razão*, disponível para download em <http://bit.ly/pFBA94> (Nota da IHU On-Line)

2 René Girard (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré (A violência e o sagrado)*, *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde (Das coisas escondidas desde a fundação do mundo)*, *Le Bouc Émissaire (O Bode expiatório)*, 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista IHU On-Line, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. Leia, também, a edição especial 393 da IHU On-Line, de 21-05-2012, sobre o pensamento de Girard, intitulada *O bode expiatório, o desejo e a violência* (Nota da IHU On-Line)

3 Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

4 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição

isso tenha levado Hume a uma desconfiança geral do poder da razão. Na esfera da ética isso significou que, em vez da razão natural, da lei natural estarem disponíveis para a razão natural isso sendo uma espécie de prova dos princípios primeiros, existiam apenas sentimentos e assim temos a famosa frase: “a razão é e só pode ser a escrava das paixões, e nunca pode pretender qualquer outro cargo do que para servir e obedecê-las”. Assim, “paixões”, ou seja, as motivações humanas, afetos humanos, passam a elevar-se acima da razão humana e se tornam a força motriz que nos faz fazer o que fazemos.

Spinoza não está longe dessa ideia também. Aplicada, a ética levanta também alguns medos, como o medo do subjetivismo e do relativismo. Suas paixões podem ser diferentes das minhas. Soa como se estivéssemos agindo, a partir daí, sem a autoridade do certo ou errado. A autoridade da objetividade, a autoridade de nosso conhecimento parece ser varrida por esta nova visão de mundo. Hume não era pessimista; para ele, não precisávamos nos preocupar, pois “a natureza humana era boa o suficiente”. Não que existisse “simpatia” suficiente, mas inteligência suficiente na natureza humana para que encontrássemos formas de cooperar. E, assim, virtudes sociais tomariam o lugar da luz natural da razão e da autoridade do conhecimento. Hume também foi um grande otimista. A cooperação pode tomar o lugar da guerra de todos contra todos, como a visão de Hobbes⁷ sobre o mundo natural.

Existe um sentimento de empatia em relação às outras pessoas, mas há também a capacidade de construir regras, estruturas e instituições que

7 Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista *IHU On-Line*, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/bDUApj>. (Nota da *IHU On-Line*)

tomam o lugar, por vezes, desse sentimento de empatia. No trânsito, por exemplo, ninguém é altruísta, mas nós não gritamos um com o outro o tempo todo e não nos batemos uns contra os outros o tempo todo (embora às vezes isso aconteça) porque existem regras de trânsito, fiscalização pela polícia, há leis, regras, convenções que permitem que o trânsito flua. Acredito que Hume percebeu que muitas sociedades se deram conta de que viver a cotoveladas é ruim e, por isso, inventaram estruturas para moderar o comportamento, para gerar soluções cooperativas. Esse é um quadro otimista e que é o melhor que podemos fazer quando a luz natural da razão e do conhecimento autoritário desaparece.

IHU On-Line – Mas por que “quase realismo”?

Simon Blackburn – Isso não é algo que eu necessariamente goste ainda hoje, mas estou preso com esse termo agora. Então, deixe-me explicar. Na década de 1970, quando comecei a falar sobre isso, houve uma grande reação contra o que agora é chamado de “emotivismo” ou “expressivismo”. A história da filosofia não foi muito bem pensada em Oxford ou Cambridge. Existia essa percepção de que na ética nós meramente expressávamos nossas atitudes, nossas emoções. A ética era tida como mera subjetividade. Houve uma espécie de reação contra isso, mas não foi o suficiente. Algumas pessoas disseram – e o mais famoso deles foi John Mackie – que todos os pensamentos, quer sobre a subjetividade, quer sobre a possibilidade de discussão e sobre o uso da razão em todos os contextos, eram uma espécie de fantasia, que os emotivistas estavam realmente certos, e que todo o resto foi “erro”. A teoria do “erro” tornou-se bastante popular – a ideia de ficção, uma ficção de direitos, deveres e obrigações, a ideia de que vivíamos sob a sombra dessas ficções. Este é o ficcionalismo. Eu não gostei, porque não gosto das implicações que esses pensamentos sobre objetividade, conhecimento e possibilidade de raciocínio engendram: de que tudo isso são meras ficções ou simplesmente erros. Não acho que minha obrigação e de meus filhos seja uma

ficção – sinto isso como uma obrigação real. Se alguém me disser: “isso é apenas um sentimento”, eu vou dizer “bem, pode ser apenas um sentimento, mas é essencial para mim, é uma parte da minha identidade”. Então, quero enfatizar a importância dos nossos sentimentos – que eles não são “meros sentimentos”, mas essenciais para a nossa identidade e nosso “ser” no mundo. Assim, o “quase realismo” veio dentro do contexto deste debate. Eu queria fazer justiça aos pensamentos que levam ao realismo e ao senso de existência de certo e errado. O “quase realismo” é, assim, um salto entre esses dois extremos: o realismo e a teoria do erro. Foi uma tentativa de conciliar a abordagem básica do pensamento de Hume com aqueles que tinham sido tão desconfiados em relação a ele (Hume).

IHU On-Line – Então você fez essa teoria?

Simon Blackburn – Sim, eu fiz, eu dei-lhe o seu nome. Mas as razões por que eu não gosto desse termo têm basicamente a ver com a natureza escurra do realismo: ninguém tem certeza do que o realismo significa. Eu poderia tê-lo chamado “funcionalismo responsável não descritivo”, ou algo assim.

IHU On-Line – Qual é o futuro da filosofia analítica?

Simon Blackburn – Eu não acho que o futuro da filosofia analítica se encontre na análise! Eu acho que ela – a filosofia analítica – está mudando. O ideal analítico tornou-se proeminente com Frege⁸, no final do século XIX, e Russell⁹

8 Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925): matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. (Nota da *IHU On-Line*)

9 Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): matemático, filósofo. Foi também um importante político liberal, ativista e popularizador da Filosofia, além de um crítico das armas nucleares e da guerra estadunidense no Vietnã. Em 1950, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento dos seus variados e significativos escritos, nos quais apresentava ideais humanitários e liberdade de pensamento. (Nota da *IHU On-Line*)

e Moore¹⁰, que avancaram a lógica moderna – e, sem dúvida, a lógica moderna é uma ferramenta natural poderosa na lógica aristotélica. A confiança gerada pelos avanços na lógica levou os filósofos a pensar que atenção suficiente para a forma lógica das sentenças/frases iria resolver todos os problemas filosóficos. Assim, a filosofia da lógica e da linguagem tornou-se dominante sobre a epistemologia, sobre a filosofia da mente, sobre a psicologia e assim por diante. Eu acho que essa confiança se perdeu. Creio que ela não está mais lá. Eu acho que a única coisa boa que deixou é a atenção para o significado – uma atenção muito cuidadosa ao significado: o que significam as palavras? Você tem certeza de que compreende as palavras que está usando? Essa é uma pergunta sempre muito boa. É claro que é uma questão que Platão¹¹ e Sócrates¹² levantaram: “você tem certeza do que você quer dizer com coragem? O que você quer dizer com justiça?” Então, essa atenção para o significado das palavras sempre esteve presente na filosofia e isso é o que vai permanecer com a filosofia analítica. Penso que isso é uma coisa boa. Mas a confiança de que de alguma forma a questão “você tem certeza que entende o que quer dizer?” é a questão dominante

“Eu sempre pensei no meu trabalho em como trazer as pessoas para a filosofia, e não em como levar a filosofia para as pessoas”

para resolver problemas, que a questão está completa, eu creio que morreu um pouco, que a psicologia tem ganhado terreno à custa da semântica ou da teoria lógica.

IHU On-Line – Por isso não podemos mais confiar apenas na filosofia...

Simon Blackburn – Eu acho que a filosofia tem um papel – eu espero que ela tenha um papel. Mas acho que tem que juntar esforços com as outras ciências humanas, incluindo a psicologia.

IHU On-Line – Com a popularização das redes sociais surgem novas maneiras de manifestação e participação política. Como essas redes impactam a filosofia e o filosofar contemporâneos?

Simon Blackburn – A Primavera Árabe foi amplamente possível por causa da internet, e eu posso ver que os regimes particularmente repressivos temem a liberdade de expressão e a liberdade de pensamento. A China é talvez o exemplo moderno mais óbvio. Eles temem o poder das pessoas unidas que dizem que não gostam da dominação do Partido Comunista, da dominação por parte do governo. Tem-se a impressão de que o governo está em oposição ao seu próprio povo. Você tem que lutar pela liberdade de expressão, de associação e comunicação. E se o governo achar necessário matar aqueles, então acho que o governo está em oposição ao seu próprio povo. Eu sou um democrata. Acho que os governos devem derivar/extrair sua

legitimidade do povo. É claro que todos os governos vão se preocupar com “alguns” discursos. O teórico Stanley Fish, nos Estados Unidos, um pós-modernista, argumentou que não há tal coisa como a liberdade de expressão, o que significa que falar é agir, falar é um tipo de ação e ninguém tem liberdade ilimitada para atuar, da mesma forma que ninguém tem liberdade ilimitada de expressão porque isso não é, obviamente, o caso: não estamos autorizados a mentir para fazer alguém comprar algo. Isso é crime. Você não está autorizado a dizer coisas sobre mim em público sem que eu tenha o direito de réplica. Portanto, há limitações. Há uma famosa frase sobre isso na lei americana: você não tem permissão para gritar “fogo” em um teatro lotado, causando pânico nas pessoas. Isso é uma coisa muito antissocial de fazer e é ilegal. Você não tem permissão para incitar o ódio racial em muitos países, inclusive na Europa e nos Estados Unidos. Portanto, há limitações à liberdade de expressão. Mas basicamente, sem a liberdade de ativismo político, associação política, trabalho político perseguido por meio pacífico, que são direitos democráticos, você não tem um governo legítimo. Portanto, se o governo chinês ou qualquer outro achar necessário censurar a internet, isso é algo muito ruim.

IHU On-Line – O debate filosófico tem conseguido extrapolar a academia e dialogar com a sociedade?

Simon Blackburn – Sim e não. Quero dizer, a filosofia não é fácil. Eu sempre pensei no meu trabalho em como trazer as pessoas para a filosofia, e não em como levar a filosofia para as pessoas. Eu não gosto do termo “popularizar”, eu não acho que eu faço “popularização” da filosofia. Tento explicar por que as perguntas são intrincadas e delicadas, porque provavelmente precisam de uma compreensão histórica e eu penso que o que as pessoas chamam de “filosofia” – quer dizer, um grupo de pessoas que se reúnem na internet para discutir a “consciência” ou algo realmente difícil filosoficamente como a natureza da matemática, a natureza da lógica, a natureza do conhecimento – não será, de fato, algo realmente interessante caso esses elementos não estejam presentes.

10 George Edward Moore (1873-1958): filósofo britânico, juntamente com Bertrand Russell foi co-fundador do movimento analítico em filosofia. (Nota da IHU On-Line)

11 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “*As implicações éticas da cosmologia de Platão*”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista *IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

12 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apoloogia* e *Crítion*). (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Então você acha que tem mais a ver com dar acesso à educação filosófica do que simplesmente “jogar” assuntos e ideias sobre as pessoas?

Simon Blackburn – Exatamente. É claro que temos de incentivar as pessoas a ter suas próprias ideias e expressá-las, discutindo-as, e pode ser que, em circunstâncias favoráveis, um grupo pode ser capaz de se colocar num nível muito elevado de compreensão. Creio que existem alguns casos em matemática em que os problemas matemáticos foram superados – os melhores grandes problemas matemáticos foram jogados no Google ou Wikipedia e pessoas contribuíram aqui e lá e, então, você tem milhões de contribuições e a solução emerge. Há exemplos de problemas matemáticos que foram resolvidos por esse meio. Mas eu acredito que essas contribuições só foram relevantes porque, nesses casos, matemáticos foram capazes de filtrar os contribuidores, separando aqueles que falavam coisas relevantes daqueles que não estavam dizendo nada. Em outras palavras, se um dos meus colegas em Cambridge, um grande matemático, coloca um problema sobre a Group Theory [teoria de grupo], eu não vou contribuir porque não sei nada sobre o assunto. Se alguém diz “o que é consciência” na internet eu acredito que um milhão de pessoas podem ter opiniões, mas elas não são susceptíveis de ser muito informativas e interessantes, visto ser esta uma pergunta muito difícil. Há uma tradição de pessoas que tentam dar respostas, que falham, há algumas posições já bem estabelecidas. Você realmente tem que aprender tudo sobre isso antes que você esteja em posição de contribuir com o debate.

IHU On-Line – O que é ser filósofo nos dias de hoje, numa época marcada pela secularização e pelo relativismo, mas também por um retorno paradoxal ao sagrado?

Simon Blackburn – Bem, é possível ter duas visões sobre isso. A visão mais pessimista é a de Hegel¹³, que

13 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus

disse que “a coruja de Minerva só levanta voo ao anoitecer”, e ele talvez esteja certo em dizer que o filósofo não pode fazer nada além de reagir aos movimentos do tempo. A matriz sociopolítico-econômica em que vivemos informa o que filósofo diz. Deve haver alguma verdade nisso. Por outro lado, os movimentos de pensamento, da política e da sociedade precisam de palavras – eles precisam de pessoas para explicar o que eles são. Considere os movimentos feministas dos últimos 50 anos nos Estados Unidos, Europa e na América do Sul; provavelmente em todo o mundo eles precisavam de textos. Pessoas como Naomi Wolf¹⁴, Elizabeth Freeman, as pessoas que escreveram sobre a opressão das mulheres, sobre os direitos, a igualdade, sobre as possibilidades que devem ser abertas para as mulheres. Todas estavam fazendo uma espécie de filosofia social, em parte ética, em parte política, que foi projetada para mudar a mentalidade das pessoas e eu não acho que seria justo dizer que aqueles escritos levantaram voo somente após o feminismo ter sido estabelecido. Eles fizeram parte do processo de criação do feminismo como um movimento. E eu acho que isso é muito comum. Pense no comunismo e em Marx. O próprio Marx desmente Hegel porque, se Marx e Engels não tivessem escrito o *Manifesto Comunista*¹⁵, se não houvesse esses escri-

principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

14 Naomi Wolf (1962): escritora feminista estadunidense. Seu livro *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres* (Rio de Janeiro: Rocco, 1992), publicado em 1991, se tornou uma referência da terceira onda do feminismo ao analisar como a exigência de as mulheres se adequarem a um ideal de beleza feminina dificulta sua ascensão ao poder político e social. (Nota da IHU On-Line)

tos sobre teoria política e econômica, o comunismo nunca teria existido como um “ismo” porque você precisa dos pensadores para articular, para conduzir as ideias. Então eu acredito que a filosofia tem esse tipo de papel. Você precisa ser sensível às necessidades das junções históricas ou até mesmo para o que acontece, aquilo que outras pessoas (não filósofos) podem não ser capazes de perceber. Por exemplo, eu comecei com Hume, que percebeu o que Newton tinha feito: um novo paradigma para as ciências naturais, diferente de Aristóteles, mas que precisava ser dito e explicado, precisava de muita defesa, articulação e escrita para que as pessoas pudessem perceber isso. Então penso que há sempre um papel para o filósofo, o que não significa apenas alguém que reflete, mas que reflete pesado e tem condições para refletir sob a luz da melhor literatura, modelos e entendimentos disponíveis.

IHU On-Line – Cada filosofia é filha de seu tempo. Em linhas gerais, como pode ser caracterizada a filosofia no século XXI?

Simon Blackburn – A ideia hegeliana de uma filosofia que é filha de seu tempo não me parece verdade pelas razões que eu disse: o feminismo, marxismo, Hume, todos eles eram casos em que os filósofos ajudaram a moldar os entendimentos da época e é isso que eu acho que nós temos que fazer. Como eu disse na conferência do Fronteiras do Pensamento, creio que os primeiros desafios do século XX são basicamente centrados em torno da cooperação internacional, da possibilidade de cooperação internacional em coisas como escassez de recursos, o aquecimento global, sobre a superpopulação e que vai ser muito difícil de conseguir, porque cada país tem uma “vantagem egoísta” para desertar de soluções cooperativas.

Comunista (em alemão: *Manifest der Kommunistischen Partei*), publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, é historicamente um dos tratados políticos de maior influência mundial. Comissionado pela Liga Comunista e escrito pelos teóricos fundadores do socialismo científico Karl Marx e Friedrich Engels, expressa o programa e propósitos da Liga. (Nota da IHU On-Line)

Concílio Vaticano II e a busca pelo compromisso ecumênico

O Concílio afirmou a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*) e reexaminou a relação da Igreja Católica com outras religiões (*Nostra Aetate*) e sua inserção no mundo moderno (*Gaudium et Spes*), pontua Walter Altmann

POR THAMIRIS MAGALHÃES E LUÍS CARLOS DALLA ROSA

Questionado a respeito do Concílio como um evento ecumênico, o moderador do Conselho Mundial de Igrejas – CMI, Walter Altmann, explica que não o foi no sentido de um concílio universal de toda a cristandade, “pois, como sabemos, esta se encontra dividida em um grande número de vertentes confessionais. Nesse sentido, um concílio ecumênico ainda é um anelo sem dúvida profundo do movimento ecumênico, cuja realização, porém, ainda não podemos des-cortinar”. Para Altmann, o Vaticano II foi um evento ecumênico primeiramente no sentido de reunir os bispos católicos de todo o mundo para deliberação acerca do caminhar da Igreja Católica. “Mas ele foi ecumênico, sobretudo, pelo espírito que o permeou. Os debates foram intensos, ocorreram revisões de posicionamentos tradicionais da Igreja Católica, muitas vezes no sentido que já era adotado por outras igrejas desde sempre (por exemplo, a passagem do latim para o vernáculo na

celebração da missa).” E completa: “Houve uma significativa valorização da Bíblia e de sua leitura, algo tão caro para a tradição protestante. O Concílio também convidou observadores de outras igrejas (da América Latina participou o teólogo metodista argentino José Míguez Bonino) e revelou de um modo geral uma aguda sensibilidade para as experiências e convicções dos não católicos, fossem de outras igrejas, outras crenças ou pessoas de boa vontade”.

Walter Altmann é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, professor de Teologia Sistemática na Faculdade EST, de São Leopoldo-RS, ex-pastor presidente da IECLB, ex-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI e atual moderador do Conselho Mundial de Igrejas – CMI. Entre suas obras, destacamos *Lutero e libertação: Uma releitura de Lutero em perspectiva latino-americana* (Editora Sinodal, 1994).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor acompanhou o Concílio Vaticano II?

Walter Altmann – Coincidentemente, iniciei meus estudos teológicos em 1962, ano da abertura do Concílio Vaticano II. Assim, com naturalidade, o acompanhamento de seus trabalhos esteve inserido em meus estudos, não por último pelo grande impacto que a inesperada convocação do Concílio pelo Papa João XXIII já causara. Um de meus trabalhos, ainda como aluno, publicado em revista

teológica argentina, foi precisamente sobre a Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*). Posteriormente, minha tese de doutorado, defendida na Universidade de Hamburgo, Alemanha, foi sobre o conceito de tradição em Karl Rahner¹ eminente

¹ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra

teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A **IHU On-Line** nº. 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma

teólogo católico e perito teológico assessor do Vaticano II. Ocupei-me, então, mais profundamente com a Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina (*Dei Verbum*). Mas o interesse também foi mais geral sobre o Vaticano II, em particular como a Igreja Católica atualizava e renovava sua herança teológica, no espírito do *aggiornamento* preconizado pelo pontífice.

IHU On-Line – Em que sentido o Concílio foi um evento ecumênico?

Walter Altmann – Não o foi no sentido de um concílio universal de toda a cristandade, pois, como sabemos, esta se encontra dividida em um grande número de vertentes confessionais. Nesse sentido, um concílio ecumênico ainda é um anelo sem dúvida profundo do movimento ecumênico, cuja realização, porém, ainda não podemos descortinar. O Vaticano II foi um evento ecumênico primeiramente no sentido de reunir os bispos católicos de todo o mundo para deliberação acerca do caminhar da Igreja Católica. Mas ele foi ecumênico, sobretudo, pelo espírito que o permeou. Os debates foram intensos, ocorreram revisões de posicionamentos tradicionais da Igreja Católica, muitas vezes no sentido que já era adotado por outras igrejas desde sempre (por exemplo, a passagem do latim para o vernáculo na celebração

entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na **IHU On-Line** n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no **IHU On-Line** n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://bit.ly/mlSwUc>. A edição número 102, da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

da missa). Houve uma significativa valorização da Bíblia e de sua leitura, algo tão caro para a tradição protestante. O Concílio também convidou observadores de outras igrejas (da América Latina participou o teólogo metodista argentino José Míguez Bonino) e revelou de um modo geral uma aguda sensibilidade para as experiências e convicções dos não católicos, fossem de outras igrejas, outras crenças ou pessoas de boa vontade.

IHU On-Line – Em sua avaliação, como o Concílio contribuiu para a caminhada ecumênica?

Walter Altmann – O movimento ecumênico moderno, como esforço de superação da divisão da cristandade através do diálogo e da cooperação, surgiu na segunda metade do século XIX, no âmbito das igrejas protestantes e anglicana. A Conferência Internacional de Missão, em Edimburgo, Escócia (1910), é um marco histórico na caminhada das igrejas, seguindo-se a Conferência de Vida e Trabalho, em Estocolmo, Suécia (1925), e a de Fé e Ordem, em Lausanne, Suíça (1927), iniciativas que levaram à criação do Conselho Mundial de Igrejas – CMI após a II Guerra Mundial, em Amsterdam, Holanda (1948). Já na primeira metade do século XX, o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla manifestara o compromisso ecumênico. Por largo tempo, a Igreja Católica manteve uma postura reticente, para não dizer de rejeição, em relação ao movimento ecumênico. Sua compreensão da unidade da cristandade se resumia ao anelo de “retorno” dos demais cristãos à Igreja Católica, não à construção da unidade através do diálogo e do caminhar conjunto. Contudo, na pesquisa teológica e na experiência das comunidades locais, o ecumenismo foi claramente avançando. A partir do Vaticano II, a Igreja Católica assumiu com clareza o compromisso ecumênico e, considerando que a Igreja Católica é, de largo, a maior família confessional da cristandade, o movimento ecumênico transformou-se num empreendimento verdadeiramente universal.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o documento conciliar sobre o ecumenismo, o decreto *Unitatis Redintegratio*?

Walter Altmann – Como observei, o Vaticano II teve como um todo um nítido espírito ecumênico. Mas é precisamente no decreto *Unitatis Redintegratio* que a Igreja Católica define seu entendimento e seu compromisso ecumênicos. É um texto relativamente breve, mas com nítida inspiração bíblica, assenta definições básicas para o relacionamento da Igreja Católica com as demais igrejas e comunidades eclesiais. Taxativamente afirma que o Espírito Santo age também nelas produzindo a comunhão dos fiéis e a união íntima com Cristo, princípio da unidade da Igreja. Essa afirmação é de longo alcance, ainda que o documento também estabeleça uma hierarquia nas relações e apenas às igrejas ortodoxas é conferido o nome de “igreja”, denominando-se as demais de “comunidades eclesiais”. Ainda assim, na fé em Cristo e pelo dom do batismo, os fiéis das outras igrejas são considerados como “irmãos” (ainda que “irmãos separados”), de forma alguma como “hereges”. O decreto ainda dá uma série de recomendações e estímulos para o diálogo ecumênico, a oração conjunta, a leitura da Bíblia e a prática da caridade. E, ao final, exorta a que não se coloquem obstáculos à ação do Espírito Santo, precisamente nessas relações e na busca da unidade.

IHU On-Line – Além de *Unitatis Redintegratio*, que outros documentos conciliares o senhor destaca como relevantes a partir da perspectiva ecumênica? Que resultados alcançaram?

Walter Altmann – A Constituição Dogmática acerca da Igreja (*Lumen Gentium*) descreve a Igreja como mistério divino e realça a categoria do povo de Deus, antes de abordar a hierarquia, e a santidade desse povo, antes de abordar a vida religiosa. A doutrina acerca da Virgem Maria é exposta nesse documento acerca da Igreja (ao final), e não em algum tratado acerca da salvação. A Constituição Dogmática acerca da Revelação (*Dei Verbum*) afirma o Evangelho de Jesus Cristo como a fonte única e plena do conhecimento da salvação, superando o esquema pós-tridentino de “duas fontes da revelação”, a saber, a Escritura e a Tradição. Em especial,

a valorização da Bíblia teve notável alcance ecumênico, contribuindo decisivamente, não por último, para o processo de (re)leitura da Bíblia nas comunidades de base. A Constituição Dogmática acerca da Sagrada Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*) encaminhou uma profunda reforma litúrgica que incorporou elementos que são importantes no culto protestante (o uso do vernáculo, a importância da pregação/homilia, a animação para o canto etc.). O Concílio também afirmou a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*) e reexaminou a relação da Igreja Católica com outras religiões (*Nostra Aetate*) e sua inserção no mundo moderno (*Gaudium et Spes*).

IHU On-Line – Para o senhor, quais foram os limites ou lacunas do Vaticano II?

Walter Altmann – Provinda de alguém que não é católico, mas tem uma clara orientação ecumênica, toda apreciação crítica deve ser formulada como um compartilhar de reflexão “intrafamiliar”, isto é, sobre a premissa da comunhão de fé em Cristo. E não invalida de forma alguma o extraordinário legado ecumênico e espiritual que o Vaticano II nos deixou. Dito isso, observo os pontos a seguir. Os textos conciliares foram produzidos, com o intento de produzir consenso, acolhendo em certos momentos, paralelamente, posições que não eram propriamente coincidentes. Isso deu e dá margem ao que alguns têm chamado de “guerra das interpretações”. Um dilema bem conhecido e de grande alcance nas relações ecumênicas é como entender a afirmação constante na *Lumen Gentium* de que a Igreja de Cristo “subsiste na” Igreja Católica. Seria uma identificação pura e simples ou haveria margem para entender-se que em algum sentido a Igreja de Cristo ultrapassa as fronteiras institucionais da Igreja Católica? O fato de que o texto original e que foi emendado pelo próprio Concílio rezava que a Igreja de Cristo “é” a Igreja Católica parece sinalizar no segundo sentido, mas a interpretação oficial católica vai ao primeiro sentido. Em alguns documentos, por exemplo, na *Lumen Gentium*, há citações bíblicas genéricas e descontextualizadas, apenas com o fim de comprovar a afirmação teológica já efetuada. Perturbou os

“O Vaticano II foi um evento ecumênico primeiramente no sentido de reunir os bispos católicos de todo o mundo para deliberação acerca do caminhar da Igreja Católica”

observadores ecumênicos no Concílio e perturba ainda hoje a não católicos o fato de que em vários documentos elaborados pelos padres conciliares tenham sido introduzidas alterações “por autoridade superior”, no caso da *Lumen Gentium* até mesmo uma “nota explicativa prévia” referente ao capítulo acerca da hierarquia. Esse procedimento sinaliza uma compreensão ecle-siológica bastante estranha a outras igrejas.

IHU On-Line – Cinquenta anos após sua abertura, como o senhor analisa a atualidade do Concílio?

Walter Altmann – O legado do Vaticano II continua plenamente válido. Esses cinquenta anos propiciaram inúmeros encontros e ações fraternas, entendimentos teológicos significativos como a *Declaração conjunta católico-luterana acerca da Doutrina da Justificação*, e muitas ações sociais conjuntas. Oração e estudo bíblico conjuntos se transformaram em prática comum de muitas comunidades. Ainda assim, à diferença do entusiasmo com a causa ecumênica que se podia registrar nos anos 1960 e imediatamente após o Vaticano II, há hoje certa resignação e, mesmo, frustração com os limites do avanço ecumênico. Por exemplo, não tem sido possível ainda chegar-se a um entendimento para a comunhão eucarística, nem

mesmo à chamada “hospitalidade eucarística” em que os fiéis de diferentes igrejas possam ser acolhidos na comunhão da Ceia em outra igreja, por exemplo, em confirmações ou casamentos ou ainda em encontros ecumênicos. Parece haver uma resistência em avançar-se, a dar novos passos e uma tendência das igrejas a recolherem-se em seus próprios muros, para assim enfrentar o desafio da diversidade religiosa. A meu ver, é de se lamentar esse fato, pois é precisamente a diversidade religiosa que torna imperativo o empenho ecumênico.

Leia mais...

Walter Altmann já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Protestantismo: é tempo de refletir*. Entrevista especial com Cláudio Kupka, Martin Dreher e Walter Altmann. Entrevista publicada no sítio IHU, de 31-10-2011, disponível em <http://migre.me/be5Ao>;
- *500 anos depois: Recordar a Reforma, olhando para os desafios comuns da cristandade*. Entrevista concedida à **IHU On-Line**, edição 370, de 22-08-2011, disponível em <http://migre.me/be5uw>;
- *Lutero hoje, 490 anos depois da Reforma*. Entrevista com Walter Altmann. Entrevista publicada no sítio IHU, de 09-11-2007, disponível em <http://migre.me/be5JN>;
- *A eclesialidade das igrejas cristãs. Teólogos debatem documento do Vaticano*. Entrevistas especiais com José Comblin, Walter Altmann e Faustino Teixeira. Entrevista publicada no sítio IHU, de 12-07-2007, disponível em <http://migre.me/be5OV>;
- *“Agora é que o diálogo vai se intensificar. Se temos diferenças, vamos encará-las”*. Entrevista com Walter Altmann. Entrevista reproduzida pelo sítio IHU, em 15-07-2007, disponível em <http://migre.me/be5Vm>.

Artigo da Semana

O “mensalão” e a esquerda.

Uma leitura crítica a partir da esquerda

“É inegável que a direita procura usar o ‘mensalão’ como um aríete para abalar a fortaleza em que se transformou o mito Lula, porém, cabe à esquerda social abordar esse tema e criticá-lo pela esquerda. Validar o discurso de que não se pode criticar os dirigentes do PT pelos equívocos que cometeram porque isso significa jogar ‘água no moinho da direita’ é recu-

sar a essência do que significa ser esquerda”, escreve Cesar Sanson, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em artigo que sintetiza a Conjuntura da Semana publicada no sítio do IHU em 23-10-2012¹.

Eis o artigo.

A repercussão daquele que é considerado o maior e mais extenso julgamento da história do Supremo Tribunal Federal (STF), a Ação Penal 470, popularmente conhecida como ‘mensalão’, ganhou grande espaço na mídia, nas redes sociais e assumiu no debate ares extremado de ideologização. Embora a ação tenha julgado vários personagens da esfera privada – banqueiros, empresários e publicitários –, o foco maior ficou nos personagens da esfera pública, particularmente das lideranças de proa do PT. A esquerda brasileira, majoritariamente, tratou a ação como “julgamento político” – muitos como um “julgamento de exceção”.

É inegável o uso político do julgamento do mensalão – recurso constitutivo ao pesado jogo político. No seu conteúdo geral, entretanto, a posição de intelectuais, organizações sociais e ativistas políticos que

criticaram o julgamento como sendo de “exceção” é simplista e grave porque corrobora o sentimento geral de que ética não combina com política e, pior ainda, autoriza aquela velha história de que em função de objetivos considerados maiores, os fins justificam os meios.

Tampouco se pode aceitar a tese do que aconteceu foi acidental, ocasional. O que sucedeu com o ‘mensalão’ e suas derivações é regra corrente na estruturação, financiamento e mobilização pela disputa do poder. Tampouco vale a justificativa de que os outros sempre fizeram o mesmo e apenas agora, por ser o PT, é que o julgamento passou a ser rigoroso. Na realidade, faz tempo o PT vem manifestando sinais que se transformou num partido tradicional no modo de fazer política. Segundo o filósofo Thales Ab’Sáber² o ‘mensalão’ “foi o cartão de visita e o atestado das práticas políticas de direita que o partido

[PT] passou a utilizar para chegar e se manter no poder – entendida a direita aqui nos termos da política brasileira. Conchavos de bastidores com partidos oportunistas e mesmo politicamente inimigos, manipulação de processos eleitorais através de acordos que serão pagos posteriormente a qualquer custo, concepção do Estado como uma fonte de financiamento dos interesses particulares de grupos, tudo isso à margem da lei”.

O cientista político Fábio Wanderley Reis³ considera que o ‘mensalão’ só foi possível em decorrência de uma espécie de desvio ideológico do PT: “A arrogância produzida por certa autoimagem ideologicamente condicionada, que levou à desqualificação dos outros participantes do jogo parlamentar, considerados burgueses, e à ideia de que o melhor a se fazer era comprar sua lealdade. É um cinismo autorizado, um maquiavelismo de araque, em função de objetivos consi-

1 - A íntegra pode ser acessada no link: <http://bit.ly/TPvSBc>

2 - Cf. <http://bit.ly/PYIDqK>

3 - Cf. <http://bit.ly/RhiaGx>

derados maiores, com a ideia de que os fins justificam os meios”.

A tese de “desvio ideológico” é contestada por aqueles que consideram o mensalão como uma contingência da indispensável necessidade de se construir uma maioria de sustentação ao governo – a tese da governabilidade. Sobre isso comenta o sociólogo Luiz Werneck Vianna⁴: “A matéria bruta da Ação Penal 470, o mensalão, foi gestada no interior e a partir dessa decisão política de perseguir objetivos de mudança social desancorada de uma ativa esfera pública democrática, que importava a mobilização dos movimentos sociais, que logo, aliás, seriam postos sob a influência de agências estatais, quando não estatizados *tout court*, convertendo-se a política num quase monopólio da chefia do Executivo”. Segundo ele, “aos partidos dessa bizarra coalizão presidencial, tangidos a ela com a expectativa de extrair recursos públicos para sua reprodução eleitoral, caberia conceder apoio parlamentar às iniciativas governamentais, enquanto ao Executivo, pelas vias decisionistas do direito administrativo, caberia realizar a agenda de mudanças avaliada como compatível com as circunstâncias”.

O ‘mensalão’, portanto, passou a ser aceito por muitos como um expediente que foi necessário para garantir governabilidade e realizar os avanços que o Brasil precisava. Nessa concepção trata-se de um mal menor em função de um bem maior – a ideia de que os fins justificam os meios, como já destacado.

É recorrente no Brasil, a tese de que para sobreviver na política, por um lado, é preciso estar ao lado

de quem está no poder e, por outro, quem está no poder precisa se aliar aos que não estão para criar as condições de governar. Segundo o professor da Unicamp Roberto Romano⁵, “é proibido no Brasil ser oposição”. Diz ele: “Se discordar, não tem acesso aos recursos. Sem recursos, não leva obras para a sua região. Sem obras, não é reeleito, fica fora do jogo. Esse ‘é dando que se recebe’, essa ausência de partidos reais, tem como origem essa estrutura do Estado brasileiro que é supercentralizada”.

A partir da interpretação da *realpolitik* – na política as coisas funcionam assim, parte da esquerda atribui o destaque ao ‘mensalão’ a retomada de certa agenda udenista no país, ao gosto da direita, que procura obsessivamente desmontar os avanços sociais obtidos na Era Lula. Nessa ótica, o ‘mensalão’ é visto como algo menor diante de tantas conquistas e avanços sociais e econômicos. Essa posição suscita uma questão: A instauração de políticas sociais, o bolsa-família, a política de cotas, a mobilidade social dos mais pobres para cima, fornecem um “salvo conduto” aos erros de seus dirigentes? Tudo pode ser justificado ou atenuado porque o PT, no governo, passou a adotar políticas sociais antes inexistentes?

É inegável que a direita procura se apropriar do discurso udenista e usa o ‘mensalão’ como um aríete para abalar a fortaleza em que se transformou o mito Lula, porém, cabe à esquerda social abordar esse tema e criticá-lo pela esquerda. Validar o discurso de que não se pode criticar os dirigentes do PT pelos equívocos que cometeram porque isso significa

jogar “água no moinho da direita” é recusar a essência do que significa ser esquerda.

Uma contribuição para problematizar o tema do ‘mensalão’ é olhá-lo a partir do método da complexidade sugerido por Edgar Morin⁶ que propugna que nada está isolado, todas as ações reverberam e apresentam consequências. Ainda mais sofisticado, Morin fala no princípio do ‘caráter complexo da ética’ que se manifesta naquilo que chama de ‘ecologia da ação’. Diz Morin: “Desde o momento em que um indivíduo empreende uma ação, qualquer que seja ela, esta começa a escapar de suas intenções. Ela entra num universo de interações e finalmente o meio ambiente apossa-se dela num sentido que pode se tornar contrário ao da intenção inicial. Com frequência a ação retorna em bumerangue sobre nossa cabeça”, escreve ele no livro **Introdução ao pensamento complexo** (Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 80-1).

Aqui entra o PT e a ação de muitos de seus dirigentes, que “aceitavam” o jogo do ‘mensalão’ e suas diferentes modalidades – o mesmo vale para militantes de base – na convicção de que se tratava de um mal menor ou mesmo necessário para o avanço das reformas no Brasil.

A contemporização com os desvios do PT, ou a indulgência para com parcela dos seus dirigentes despolitiza o debate e, ainda mais grave, assume caráter antirrepublicano.

A polêmica do ‘mensalão’ suscita e recoloca em pauta o debate do que é ser esquerda hoje.

4 -Cf. <http://bit.ly/Q0DLmd>

5 - Cf. <http://bit.ly/PYIKCF>

6 -Cf. <http://bit.ly/PC4ZVV>

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR



COLUNA DO CEPOS

Valério Cruz Brittos

O legado piauiense do orientador de tese, do mestre incansável, do mentor ético e amigo inesquecível

POR JACQUELINE LIMA DOURADO*

Foi em 26 de fevereiro de 2007 que nasci de novo. Fui reintegrada ao Programa de Pós-Graduação da Unisinos. Como fui afastada é algo para mim tão traumático que dispensarei ao leitor os detalhes deste assunto. O fato é que uma das perguntas no final da reunião junto da coordenadora do PPG à época, professora Christa Berger, questionava se eu tinha em mente alguém para me orientar e eu com a voz trêmula disse: Valério Cruz Brittos. Falei o nome de forma rápida, urgente e ensaiada. Não conhecia o professor. Mas tinha passado a noite lendo *Rede Globo – 40 anos de poder e Hegemonia*, de autoria dele e de Cesar Bolaño. Escutei de Christa: “O Valério é um pesquisador muito sério, muito bacana e muito ocupado. Seria bom se tu convencesse ele a te aceitar”.

A palavra convencer martelou em minha cabeça até nosso primeiro encontro. E neste hiato temporal eu indagava como vou convencer? O que vou dizer para este professor depois de tudo o que me aconteceu? Resolvi falar às claras. Olho no olho. Sinceridade dos dois lados. E foi assim e foi sempre assim. Em nossa primeira entrevista

pude vislumbrar um norte estando numa situação novamente caótica com minha mãe extremamente doente. Saí dali com um roteiro de leituras, com missões, prazos e encaminhamentos. Valério não perdia tempo. Tinha uma pressa imensa. Razão e coração juntos o tempo todo.

O primeiro semestre foi muito ruim. Eu tateava com as novas leituras, tive ainda que cumprir mais créditos. Aquilo me cansava. Viajava a cada quinze dias Teresina/POA/Teresina. Achei que novamente não iria conseguir e minha mãe só piorava. Entre o primeiro e o segundo semestres Valério chamou-me e traçamos uma meta de leitura, produção e a inserção no grupo de pesquisas e apresentação de trabalhos e encontros. Tudo foi se encaixando e comecei a produzir.

Neste íterim, resolvi, junto de Valério, trazê-lo ao Piauí para abertura do projeto Diálogos Necessários, junto à faculdade CEUT. Foi brilhante. Mais de trezentos estudantes, professores, jornalistas e publicitários reunidos em um ginásio de esportes e Valério falou mais de duas horas para uma plateia atenta. Era

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e professora do curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí - PPGCOM/UFPI, líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Diversidade - COMUM/UFPI e membro do Conselho Fiscal da ULEPICC - Capítulo Brasil. E-mail: jacdourado@uol.com.br.

um mês de outubro de muito calor. Na plateia, potenciais novos admiradores da Economia Política da Comunicação. Valério ficou encantado pelo Piauí. Nessa noite começamos a traçar o que seria no futuro um grupo de pesquisas que eu há muito imaginava: O Grupo de Pesquisas em Comunicação Economia Política e Diversidade – COMUM. Queria fazê-lo na Universidade Federal do Piauí. Queria reconstruir minha trajetória na UFPI também. Valério se prontificou a me ajudar no que fosse preciso. Sugeri leituras, adorou o nome COMUM e deu conselhos de como seguir, tratar, fazer projetos.

Das 284 páginas da tese anterior restou o pó. Comecei do zero. Fiz a tese em dezoito meses. Depois que defendi, formatei o grupo COMUM e realizei na UFPI o Cepos Debates como evento inaugural do Grupo COMUM.

Aliada ao Cepos e seus projetos de pesquisas, foi possível juntar os primeiros alunos no coletivo de pesquisas e seguir com as orientações de TCC (graduação) e os PIBICs. Enquanto isso era trabalhado o projeto de mestrado para o curso de Comunicação. Novamente Valério se prontificou a ajudar numa de suas vindas. Comigo pudemos formatar a ementa da disciplina Economia Política do Jornalismo

em desenvolvimento no PPGCOM que agora é uma realidade.

No Intercom 2011 em Recife-PE discutimos e elaboramos o Seminário Internacional de Economia Política do Jornalismo para maio de 2012. Ao longo do ano fomos trocando telefonemas e e-mails sobre nomes, programação, GTs etc. Sempre finalizava as novas conversas com a frase “tu sabes que podes contar comigo, tu sabes que pode contar com o Cepos, tu és parte dele. És do grupo”.

Estivemos juntos em março na banca de defesa de tese do cepeano Luciano Correia. Almoçamos e ratificamos tudo sobre o Seminário em Teresina e a proposta do livro pós-evento. Valério estava animadíssimo.

Marcado para os dias 29 e 30 de maio Valério faria a palestra magna de abertura e fazia parte também do comitê científico. Em abril recebo, por ele, a notícia de que não poderia vir, que estava doente e que enfrentaria um longo tratamento. Em choque inventei uma desculpa qualquer para sua ausência por respeito e por Valério ser sempre uma pessoa muito discreta em sua vida pessoal.

Mesmo doente nos falávamos a cada dois ou três dias e marcamos que eu estaria presente no I Encontro de Equipos de Investigación Cepos/UNQ,

nos dias 6 e 7 de junho. Encontrei meu querido professor debilitado em um clima extremamente frio de Buenos Aires. Ficamos preocupados e queríamos preservá-lo de saídas e de ficar muito tempo no vento. Ele nos olhou e disse: “eu quero viver, me deixa ir para tudo, quero ir para todos os lugares, me deixa viver”. Assisti a todas as apresentações. Ao final tivemos um dia de folga e percorremos a Florida, o Caminito, Puerto Madero e não podíamos deixar de ir até El Ateneo Grand Splendid e La Crujia. Saímos com volumes de livros. Livros que estou lendo, mas a ele faltou tempo.

Dia 27 de julho nosso amigo se foi. Deixou como legado a minha orientação de tese, da Rafaela Barbosa (mestrado), do Ricardo Vernieri (tese em andamento). Estavam aqui aguardando por ele os alunos de iniciação científica, mestrados e mais de 250 participantes do seminário que não tiveram a chance de ouvi-lo. Deixou vários amigos e admiradores entre professores que foram orientados por ele, mestrados que leem sua obra por influência de suas palestras e alunos de iniciação científica que seguem os caminhos da Economia Política da Comunicação.

Adeus meu mestre, meu mentor e meu amigo.



Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 23-10-2012 a 29-10-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

RN. Projeto do perímetro irrigado da chapada do Apodi. Um contrassenso

Entrevista especial com Antonio Nilton Bezerra Júnior, sociólogo e membro da Comissão Pastoral da Terra – CPT de Mossoró-RN
Confira nas Notícias do Dia de 23-10-2012
Acesse no link <http://bit.ly/TPx5Z6>

A subsistência de milhares de famílias que trabalham com a agricultura e pecuária está ameaçada pelo projeto “Perímetro Irrigado de Apodi”, que prevê entregar as “terras da chapada do Apodi e a água da barragem de Santa Cruz, que tem capacidade de armazenar 600 milhões de metros cúbicos, a cinco grandes empresas da fruticultura irrigada”.

3,4 milhões crianças trabalhando: “É inaceitável”

Entrevista especial com Isa Maria de Oliveira, secretária do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil
Confira nas Notícias do Dia de 24-10-2012
Acesse no link <http://bit.ly/Ta0r3s>

“Se analisarmos que em uma década pouco mais de meio milhão de crianças foram retiradas do trabalho infantil, e que ainda há um universo de 3,4 milhões crianças trabalhando, isso revela claramente que as políticas e os programas adotados e implementados no Brasil não estão dando conta da gravidade do problema”, disse a entrevistada.

Guerrilha do Araguaia “deixou marcas profundas que não tem como apagar”

Entrevista especial com Sônia e Tânia Haas
Confira nas Notícias do Dia de 25-10-2012
Acesse no link <http://bit.ly/R0pTZm>

“Ele perseguia um ideal, e isso tem a ver com a formação que tivemos em casa, de ter um olhar humanitário, de se preocupar com o próximo”, dizem as irmãs do médico gaúcho, assassinado na Guerrilha do Araguaia há 40 anos.

Megaeventos e a governança empreendedorista neoliberal

Entrevista especial com Orlando Alves dos Santos Junior, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/ UFRJ, e pesquisador da Rede Observatório das Metrôpoles
Confira nas Notícias do Dia de 26-10-2012
Acesse no link <http://bit.ly/S0r6kC>

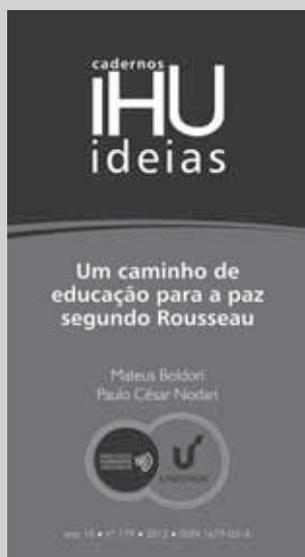
Os atuais projetos de “reestruturação urbana” em curso por causa da Copa do Mundo 2014, longe de ser “um projeto de desenvolvimento urbano”, buscam “reafirmar antigas centralidades urbanas já presentes nas cidades-sede, fortalecer e revitalizar centralidades decadentes assim como criar novas centralidades”, diz o sociólogo e especialista em planejamento urbano e regional.

Teologia da Libertação: “uma experiência profunda de Jesus junto aos pobres”

Entrevista especial com Victor Codina, teólogo
Confira nas Notícias do Dia de 27-10-2012
Acesse no link <http://bit.ly/VuGBIz>

“Seguramente, se muitos dos que nos criticaram tivessem vivido na América Latina, teriam entendido melhor as coisas. Havia uma perspectiva muito eurocêntrica, pensando que, se uma teologia não nasce na Europa, ela é suspeitosa”, diz o teólogo radicado na Bolívia.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Tema
de
Capa

Destques
da Semana

**IHU em
Revista**

Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU
programados para a semana de 29-10-2012 a 05-11-2012

Evento: Ciclo de Filmes e Debates: Crise do capitalismo no Cinema

Filme: *Debtocracy* (Katerina Kitidi e Aris Hatzistefanou, Grécia, 2011, 74min)

Debatedores: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha – Unisinos e Anderson D. G. dos Santos – mestrando em Comunicação da Unisinos

Data: 30-10-2012

Horário: das 19h30min às 22h15min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/SNCz6D>

Evento: Oficina sobre a construção de indicadores de saúde e ambiente

Ministrante: Profa. MS Marla F. Kuhn - Unisinos

Data: 31-10-2012

Horário: das 14h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/PvWrjc>

Evento: Ciclo de Estudos em EAD: Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos

Etapa: Módulo VI: Sexta etapa - Jesus, o Messias crucificado e ressuscitado: compromisso para hoje (Mc 14,1-16,20)

Período: de 29 de outubro a 11 de novembro

Local: Plataforma Moodle Unisinos

Mais informações: <http://bit.ly/MQBDzg>

Evento: IHU ideias

Tema: Censo 2012 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro

Palestrante: Prof. Dr. José Rogério Lopes - Unisinos

Data: 01-11-2012

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Entrevistas de Eventos

Debtocracy: a crise econômica grega em destaque

O documentário retrata a construção da dívida da Grécia em 2010, resgatando um histórico de como ela foi construída desde o início do século XIX, a partir do Reino Unido – como se deu, inclusive, aqui no Brasil, aponta Anderson David Gomes dos Santos

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Segundo Anderson David Gomes dos Santos, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o documentário *Debtocracy* toma como base o conceito de “dívida odiosa”, muito utilizada nos Estados Unidos após invasões militares (caso recente do Iraque) para não pagar as dívidas feitas até então nos países invadidos. “A dívida é ‘odiosa’ porque a população não foi consultada sobre sua aquisição, não sabe se o dinheiro recebido foi gasto para o bem público, mas principalmente os credores sabiam das duas informações anteriores, o que indicaria problemas se entendida determinada formação política a partir de uma ‘democracia’”, analisa. E continua: “Os exemplos demonstrados de Argentina e Equador deixam clara a intenção do documentário de propor uma comissão de auditoria da dívida grega, algo defendido por especialistas ouvidos. Por mais que sejam realidades socioeconômicas diferentes, o intuito é saber o que realmente seria a dívida contraída e o que não deixa de ser apenas juros ou dívidas construídas para

benefícios privados, hipótese retratada com os exemplos da Siemens e do Goldman Sachs – este presta consultoria ao governo grego para entrar na União Europeia, maquiando os números da dívida, ao mesmo tempo em que ‘jogava’ contra ele na bolsa de valores”.

Anderson D. G. dos Santos – Mestrando em Comunicação da Unisinos e Prof. Dr. Bruno Lima Rocha – Unisinos estarão no IHU, no próximo dia 30 de outubro, das 19h30min às 22h15min, conduzindo o documentário *Debtocracy* (Katerina Kitidi e Aris Hatzistefanou, Grécia, 2011, 74min.), na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Maiores informações: <http://migre.me/bq6PI>.

Anderson David Gomes dos Santos é Jornalista formado pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, mestrando em Ciências da Comunicação na Unisinos e coordenador-executivo do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Globalização Transnacional e da Cultura do Capitalismo (NIEG).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os pontos principais que o filme *Debtocracy* traz em sua gênese?

Anderson David Gomes dos Santos – O *Debtocracy*¹ discute a situação atual da Grécia, com problemas econômicos difundidos diariamente pelos meios de comunicação internacionais, explicando como se chegou até este ponto a partir de uma contextualização sobre como foi “adquirida”

a dívida pública, que eles irão denominar ao longo do filme com a categoria de “odiosa” pelos problemas que ela causa à população, que não tem nada a ver com a sua criação e seu aumento. Para contar isso, os autores explicam a história política grega, que seria comandada por dois partidos e três famílias após o período de ditadura, com benefícios a determinados grupos empresariais multinacionais em dados momentos.

ela se assimila a outras palavras, como democracia, aristocracia e teocracia?

Anderson David Gomes dos Santos – O título é uma derivação destes termos mais conhecidos, que representam diferentes formas de aplicação do poder “oficial”. Dividocracia representaria uma espécie de governo determinado por uma dívida, já que é para pagá-la, ou aos seus juros, que se cortam direitos sociais e reduzem o papel do Estado na sociedade. O berço do poder pelo povo, representado pelo conceito de “democracia”, passa longe de existir, algo comprovado com

¹ Direção: Katerina Kitidi e Aris Hatzistefanou, Ano 2011, Gênero Documental - Economia, Duração 74 minutos. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Qual a origem da palavra *debtocracy* e de que maneira

a desistência de realizar um plebiscito sobre a moratória da dívida após pressão da troika (Banco Central Europeu, União Europeia e Fundo Monetário Internacional).

IHU On-Line – De que maneira o documentário retrata a dívida grega em 2010?

Anderson David Gomes dos Santos – O documentário retrata a construção desta dívida, resgatando um histórico de como ela foi construída desde o início do século XIX, a partir do Reino Unido – como se deu, inclusive, aqui no Brasil. A partir daí, vê-se o crescimento desta dívida ao mesmo tempo em que se há privilégios para grandes empresas multinacionais, com grande prejuízo para o Estado, e toda a armação de números para a entrada na União Europeia, após um período de entrada no capital financeiro com ações estatais que acabaram por demolir ainda mais a economia local a partir dos efeitos da “crise” econômica dos Estados Unidos. Trata-se de um acúmulo de momentos anteriores que beneficiaram basicamente entidades privadas – há o relato de que foi gasto o dobro com as Olimpíadas de Atenas em relação às edições anteriores, por exemplo. Além disso, apresenta casos em que as dívidas foram perdoadas ou foi decretada a moratória por conta de pressão popular.

IHU On-Line – Quais são as possíveis soluções futuras que o documentário traz para solucionar o problema financeiro grego?

Anderson David Gomes dos Santos – O documentário toma como base o conceito de “dívida odiosa”, muito utilizada nos Estados Unidos após invasões militares (caso recente do Iraque) para não pagar as dívidas feitas até então nos países invadidos. A dívida é “odiosa” porque a população não foi consultada sobre sua aquisição, não sabe se o dinheiro recebido foi gasto para o bem público, mas principalmente os credores sabiam das duas informações anteriores, o que indicaria problemas se entendida determinada formação política a partir de uma “democracia”. Os exemplos demonstrados de Argentina e Equador deixam clara a intenção do documentário de propor uma comissão

de auditoria da dívida grega, algo defendido por especialistas ouvidos. Por mais que sejam realidades socioeconômicas diferentes, o intuito é saber o que realmente seria a dívida contraída e o que não deixa de ser apenas juros ou dívidas construídas para benefícios privados, hipótese retratada com os exemplos da Siemens e do Goldman Sachs – este presta consultoria ao governo grego para entrar na União Europeia, maquiando os números da dívida, ao mesmo tempo em que “jogava” contra ele na bolsa de valores. Além de outros países europeus, casos da França e da Alemanha, seguirão vendendo veículos bélicos para o país, ao custo de bilhões de euros, ao mesmo tempo em que cobram uma austeridade fiscal por parte do governo grego, com corte de recursos sociais.

IHU On-Line – De que maneira o documentário retrata a posição do governo grego diante desta situação?

Anderson David Gomes dos Santos – O documentário vê que os governantes foram responsáveis por isso, principalmente pela estrutura montada, em que há pouco rodízio político e um aparente benefício ao capital privado em detrimento dos interesses da população, que praticamente não é consultada sobre as decisões a serem tomadas que influenciaram as camadas mais desfavorecidas.

IHU On-Line – De que forma *Debtocracy* traça paralelos entre a crise econômica argentina de 1999-2002 com a atual crise econômica na Grécia?

Anderson David Gomes dos Santos – Ele faz a comparação a partir das situações-limite, em que a Argentina recebeu forte pressão do Fundo Monetário Internacional, enquanto a Grécia recebe forte pressão do Banco Central Europeu – muito mais do que do FMI. No caso argentino, que deveria servir como modelo das práticas neoliberais na América Latina e das ações possibilitadas pelos empréstimos desse banco, foram gerados vários problemas sociais, caso de nível elevado de desemprego, que culminaram na ocupação das ruas da cidade e com uma série de demissões de presidentes da República, o que

forçou uma reconfiguração política no país e a mudança das relações com o FMI, que havia gerado até então uma dívida não só “impagável” como prejudicial aos direitos sociais. Este caso é utilizado como possibilidade de ação na Grécia, que também conta com protestos e manifestações já há alguns anos, mas sem mudanças efetivas no topo do poder, responsável pelas decisões socioeconômicas. A Argentina é mostrada para se dizer que “dívidas odiosas”, que só prejudicam a população dos países, devem ser sim reanalisadas e/ou não pagas.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Anderson David Gomes dos Santos – Lembrar que o documentário foi produzido com recursos de amigos dos diretores e de voluntários, visando com isso não se atrelar a interesses de quaisquer grupos empresariais de comunicação – modelo seguido no segundo documentário deles, o *Catastroika*, que trata das catástrofes sociais no mundo por conta das respostas e das consequências ao ciclo de “crise”. Curiosamente, apesar de estar disponível na internet para ser visto e debatido, o documentário não chegou de forma física ao Rio Grande do Sul, em parte devido a essa questão da distribuição, mas também, quem sabe, por conta do tema abordado.

Leia mais...

Anderson David Gomes dos Santos já concedeu artigos à **IHU On-Line**.

Confira:

- O saldo da transmissão olímpica é de mais brigas para o futuro. Artigo publicado na Coluna do CEPOS da Revista **IHU On-Line**, edição 401, de 03-09-2012, disponível em <http://migre.me/bloFn>;
- Por dispositivos legais sobre a transmissão de eventos esportivos. Artigo publicado na Coluna do CEPOS da Revista **IHU On-Line**, edição 389, de 23-04-2012, disponível em <http://migre.me/bloOi>.

Enfrentamento das desigualdades socioambientais, a perspectiva da oficina de indicadores

Nossa oficina promove uma abordagem da questão dos determinantes socioambientais e desigualdades em saúde, com o objetivo de identificar as políticas públicas prioritárias de enfrentamento conjunto dessas desigualdades, analisa Marla Kuhn

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“**N**a oficina, pretendo chamar atenção para construção necessária de indicadores representativos da situação que desejamos trabalhar, numa lógica de análise que leva em conta as diversas determinações socioambientais presentes nos processos e a multidimensionalidade dos fenômenos existentes, uma crítica do modelo de desenvolvimento que busca sustentabilidade dos negócios muito mais do que da vida saudável no planeta”, conta a professora do curso de Serviço Social da Unisinos, Marla Kuhn, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, a viabilização de espaços de troca de experiências é um exercício necessário para ampliar análises locais sobre os problemas socioambientais. “Exercitar a construção de indicadores integrados é operacionalizar a interdisciplinaridade”. E

completa: “O efeito multiplicador é o objetivo dessa oficina!”

Marla Kuhn estará no IHU no dia 31-10-2012, durante a **Oficina sobre a construção de indicadores de saúde e ambiente**, das 14h às 17h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Mais informações em: <http://migre.me/bl1p0>.

Marla Kuhn é assistente social, especialista em saúde pública e mestre em geografia/análise ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Trabalha na Vigilância em Saúde pela prefeitura municipal de Porto Alegre. É membro do grupo de trabalho Saúde Ambiente, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco. É, ainda, professora do curso de Serviço Social da Unisinos e pesquisadora em Saúde Ambiental e Serviço Social.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais serão os pontos principais a serem abordados na oficina sobre a construção de indicadores de saúde e ambiente?

Marla Kuhn – Quando pensamos na relação saúde/ambiente, considero muito importante investigarmos a

existência de populações expostas ou potencialmente expostas ao ambiente degradado ou poluído. Essa perspectiva, esse olhar para a realidade, têm chances, em minha opinião, de realmente referir-se ao real se puder contar com a percepção das próprias

populações que impactam ou são impactadas por atividades que se instalam nos diversos espaços sociais. Na oficina, pretendo chamar atenção para construção necessária de indicadores representativos da situação que desejamos trabalhar, numa ló-

gica de análise que leva em conta as diversas determinações socioambientais presentes nos processos e a multidimensionalidade dos fenômenos existentes, uma crítica do modelo de desenvolvimento que busca sustentabilidade dos negócios muito mais do que da vida saudável no planeta. Nesse sentido, o conhecimento das condições ambientais locais ou regionais e das atividades socioeconômicas é de extrema relevância para o estabelecimento de medidas de prevenção aos agravos e eliminação dos riscos potenciais e existentes.

IHU On-Line – Em que sentido a capacitação para a construção de indicadores da realidade das ações nos cenários sociais e, em especial, em relação à saúde, ambiente e aos cenários de gestão em rede se faz urgente na região do Vale dos Sinos?

Marla Kuhn – Acredito que é sempre muito bom avaliar, com as pessoas que vivem nas cidades, as políticas públicas vigentes no sentido de garantir sua representatividade e efetividade junto dos movimentos sociais. O reconhecimento da importância das questões socioambientais como determinantes da saúde tem sido demonstrado quando, por exemplo, examinamos doenças específicas, como as diarreicas e de infecções das vias respiratórias inferiores relacionadas ao meio ambiente, que são maiores nos países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos. Percebemos que no nível nacional – e mesmo local – essas desigualdades se reproduzem apresentando diferenças marcantes em seus territórios. Identificar essas diferenças possibilita aos gestores e população a construção de ações em rede de enfrentamento dos efeitos das diversas formas de poluição nas localidades. Nossa oficina promove uma abordagem da questão dos determinantes socioambientais e desigualdades em saúde, com o objetivo de identificar as políticas públicas prioritárias de enfrentamento conjunto dessas desigualdades socioambientais.

“Acredito que é sempre muito bom avaliar, com as pessoas que vivem nas cidades, as políticas públicas vigentes no sentido de garantir sua representatividade e efetividade junto aos movimentos sociais”

IHU On-Line – Quais são os principais desafios da construção de indicadores de saúde e ambiente?

Marla Kuhn – O maior desafio é realizar abordagens integradas. Os indicadores a serem definidos devem ser de uso comum e geral. O trabalho intersetorial e interinstitucional deve ser empreendido baseado na integração do setor saúde com diversas instituições. Os dados e informações produzidos pelas áreas do setor saúde, os do meio ambiente, da agricultura, por exemplo, devem ser utilizados na obtenção geral do entendimento e na compreensão das relações de saúde e do meio ambiente. A falta de dados em nível local, ou os dados disponíveis sobre condições do meio ambiente e saúde, podem estar disponíveis em diferentes níveis de resolução, tornando difícil a criação de vínculos entre as condições ambientais e as condições de saúde, ou ainda a identificação de grupos de risco.

IHU On-Line – De que maneira a oficina poderá auxiliar a construção

e/ou aperfeiçoamento de indicadores de saúde e ambiente?

Marla Kuhn – Na oficina, vamos trabalhar a Matriz De Corvalan utilizada pela Organização Mundial de Saúde – OMS e amplamente divulgada como ferramenta metodológica na construção de indicadores de saúde e ambiente. Trata-se de construir, por meio da reflexão sobre questões socioambientais, locais relevantes, uma hierarquia de indicadores que revelem dimensões determinantes gerais que chamamos de forças motrizes, descritores de pressão, estado, exposição, efeitos e respectivas ações para enfrentamento dessas questões. No processo de reflexão, os presentes podem construir redes sociotécnicas articulando forças e representações, bem como alianças locais. A definição dos indicadores deve levar em consideração o problema ou a questão a ser abordada, a partir do uso do indicador e do interesse do usuário. Aspectos como o risco ambiental específico, o local onde ocorre a exposição humana (uma casa, uma fábrica, uma cidade), o resultado específico de saúde ou uma ação específica ou política setorial pública devem ser considerados.

IHU On-Line – Quais as perspectivas e possibilidades que serão encontradas após a oficina?

Marla Kuhn – A viabilização de espaços de troca de experiências é um exercício necessário para ampliar análises locais sobre os problemas socioambientais. Exercitar a construção de indicadores integrados é operacionalizar a interdisciplinaridade. Acredito que irá nos oportunizar introduzir novas formas de olhar para os problemas urbanos, que têm se tornado cada vez mais complexos e abrangentes, nos levando assim a uma nova reflexão e necessidade de informações melhoradas que deem suporte a uma nova forma de pensar e abordar os problemas. O efeito multiplicador é o objetivo dessa oficina!

Nota de Eventos

Novo mapa religioso brasileiro em discussão

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Refletir sobre a mudança do mapa religioso brasileiro, a partir dos dados divulgados no último Censo, é o objetivo do próximo IHU ideias, que será realizado no dia 1º de novembro, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. A programação será conduzida pelo Prof. Dr. José Rogério Lopes que, na edição 400 da revista **IHU On-Line**, abordou o tema. Na ocasião, o docente afirmou que “as religiões no Brasil tendem a compor futuramente um campo complexo e difuso de filiações e trânsitos dos fiéis entre elas, com tendências ao acirramento da concorrência religiosa”. Leia entrevista completa aqui: <http://migre.me/blpto>. Para ler a edição completa da revista **IHU On-Line**, edição 400, acesse: <http://migre.me/blpFP>.

Em relação ao perfil do católico que emerge do censo 2010 e dos traços mais característicos deste perfil, José Rogério Lopes afirma,

na mesma entrevista, que, segundo os dados do censo, trata-se de um perfil popularizado, concentrado nos estratos de baixa renda e escolaridade. “O crescente avanço dos carismáticos entre os católicos tem acentuado um perfil espiritualista, mas conservador, com foco nas interações midiáticas e em grandes eventos”, diz. E acrescenta: “Por outro lado, é importante considerar que o catolicismo tem historicamente uma dinâmica plural de identificações e filiações, característica dos consensos hegemônicos, que libera os católicos de filiações rígidas e disciplinadoras. Assim, mesmo considerando as tendências conservadoras acima citadas, o perfil do católico ainda se caracteriza por uma composição variada e multifacetada”.

O Prof. Dr. José Rogério Lopes já contribuiu com o IHU, ademais, com diversas entrevistas. Confira.

- *Clube da luta, uma crítica ao sistema capitalista*. Edição 341 da revista **IHU On-Line**, de 30-08-2010, disponível em <http://migre.me/ap6nx>;
- *Perfil*. Edição 201 da revista **IHU On-Line**, de 23-10-2006, disponível em <http://migre.me/ap6rk>;
- *Imagética da devoção, uma geografia do sagrado*. Edição 361 da revista **IHU On-Line**, de 16-05-2011, disponível em <http://migre.me/ap6vH>;
- *Fórum Social Mundial. Limites e possibilidades*. Entrevista publicada nas **Entrevistas do Dia**, de 26-11-2009, disponível em <http://migre.me/ap6Ze>;
- *Psicologia e antropologia. Relações práticas*. Entrevista publicada nas **Notícias do Dia**, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/ap74a>;
- *Uma reflexividade comunitária e laica*. Edição 307 da revista **IHU On-Line**, de 08-09-2009, disponível em <http://migre.me/ap6Wl>.

E mais...

José Rogério Lopes também já publicou no Cadernos IHU ideias. Confira:

- *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética*. Cadernos **IHU ideias**, n. 150, 2011, disponível em <http://migre.me/ap7iK>.

ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU FACEBOOK



BLOG



TWITTER



Airton Adalmir Cima da Silveira

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Sou uma pessoa que, se tiver que falar o que achar de devo, digo, sempre na frente da pessoa. Não sou de falar de ninguém pelas costas. Se eu achar que estou com a razão, por mais que doa, falo. Esse é o meu perfil”, admite Airton Adalmir Cima da Silveira, que trabalha na maquetaria da Unisinos, há cinco anos.

“Mas, na Unisinos, formalmente já estou há 19”. Em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, Airton diz que não é ambicioso e que seu maior sonho é ver seus filhos todos bem, quando tiver mais velho. Conheça um pouco mais sua história de vida.

Origem – Nasci em 04-08-1962. Sou natural de Esteio. Minha mãe, meu pai e meus dois irmãos mais velhos são de Rio Pardo. Minhas irmãs também nasceram em Esteio. No total, somos cinco irmãos: Carlos, Rejane, Clair, Marta e eu. Todos moramos em Sapucaia do Sul e somos casados. Minha mãe, Eloni, e meu pai, Gerdau, moram em Sapucaia e são separados. Sou casado há 27 anos com a Marlei e temos três filhos, a Jaqueline, de 26 anos, que é casada; o Hamilton, de 25 anos, que vai casar final deste ano e a Ketelen, de 10 aninhos.

Formação – Estudei até a 8ª série na Unisinos, quando tive a

oportunidade de retomar os estudos aqui. Fiz o primeiro grau nesta instituição, por dois anos e meio.

Trabalho – Antes, eu trabalhava na manutenção da Unisinos. Na maquetaria estou há cinco anos. Mas, na Unisinos, formalmente já estou há 19. Porém, comecei a trabalhar nesta instituição em 1980, com as empreiteiras, por quatro anos, até 1984. Depois, fiquei dois anos fora, trabalhando em outras empresas. Posteriormente, em 1986, retornei, trabalhando com as empreiteiras. Em 1993, tornei-me funcionário direto da Unisinos. Trabalhei apenas oito meses em obra e depois fui para a manutenção. Em 2007, vim trabalhar na maquetaria. Trabalho,

então, de maneira geral, há 32 anos nesta instituição.

Lazer – Gostava de jogar bola, mas hoje parei. Agora, tiro mais tempo para brincar com minha filha que tem 10 anos. Com meus outros dois filhos não tive muito tempo para isso. Eles cresceram e eu sequer vi isso acontecer. Até porque, como trabalho também de pedreiro, tive que construir a nossa casa. Toda a nossa residência foi construída por mim. Trabalhava final de semana, férias, feriado etc., e quase nunca tinha tempo para eles. Com essa minha filha menor, estou buscando ser diferente. Até porque agora nossa



casa já está toda construída. Agora tenho mais tempo para a Ketelen.

Livro – Leio a Bíblia faz três anos e ainda não consegui terminar. Já estou no livro do Apocalipse.

Religião – Católico praticante.

Sonho – Não sou muito ambicioso. Sonho em ver meus filhos todos bem, quando eu tiver mais velho.

Unisinos – Representa muita coisa, porque trabalho há muitos anos aqui. Tenho muitos amigos que fiz nesta instituição. Outros que já saíram, e que continuamos nos

visitando. Tenho colegas na praia, que se aposentaram aqui. Hoje estão lá, e às vezes nos reencontramos. Para mim, representa a minha segunda casa.

Autodefinição – Sou uma pessoa que, se tiver que falar o que achar de devo, digo, sempre na frente da pessoa. Não sou de falar de ninguém pelas costas. Se eu achar que estou com a razão, por mais que doa, falo. Esse é o meu perfil.

Música – Curto as canções do Roberto Carlos.

Livro digital do XIII Simpósio Internacional IHU

Os Anais do XIII Simpósio Internacional IHU Igreja, Cultura e Sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica, realizado de 2 a 5 de outubro deste ano, na Unisinos, foram publicados em formato de livro digital.

Organizado por Inácio Neutzling e Cleusa Andreatta, o livro pode ser “folheado” e reúne as comunicações apresentadas no evento, estando divididas em sete eixos temáticos.

O livro com os textos apresentados nas comunicações está disponível para download em <http://migre.me/blsrS>.



Análise de conjuntura

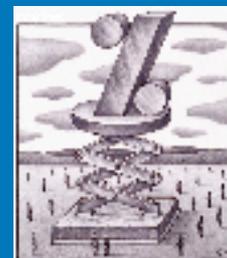
O Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, em parceria com o IHU, publica regularmente análises de conjuntura que são disponibilizadas regularmente no sítio do IHU.

A análise da Conjuntura da Semana é uma (re) leitura das Notícias do Dia publicadas diariamente no sítio do IHU. A análise é elaborada, em fina sintonia com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, pelos colegas do CEPAT, parceiro estratégico do IHU, com sede em Curitiba-PR, e por Cesar Sanson, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte -

UFRN, parceiro do IHU na elaboração das Notícias do Dia.

A última análise, intitulada “O ‘mensalão’ e a esquerda. Uma leitura crítica a partir da esquerda”, foi publicada no último dia 23-10-2012.

Para conferir, leia aqui: <http://migre.me/blttS>.



Novo Mapa Religioso Brasileiro será debatido no IHU Ideias



ao acirramento da concorrência religiosa.” Esta frase do Prof. Dr. José Rogério Lopes, concedida ao IHU

“As religiões no Brasil tendem a compor futuramente um campo complexo e difuso de filiações e trânsitos dos fiéis entre elas, com tendências

para a edição 400 da Revista IHU On-Line, de 27-08-2012, que trata da grande transformação do campo religioso brasileiro, embasa o que será tratado por ele no próximo IHU Ideias, que será realizado no dia 1º de novembro, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

Na edição 400 da Revista IHU On-Line, o docente refletiu sobre o tema. Leia entrevista completa aqui: <http://migre.me/blpto>. Para ler a edição completa da Revista IHU On-Line, edição 400, acesse: <http://migre.me/blpFP>.